



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

GEOVANA LIMA GONÇALVES BRAUNA

NORMA SURDA DE TRADUÇÃO NA ÁREA DE FARMÁCIA
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Porto Nacional/TO
2026

GEOVANA LIMA GONÇALVES BRAUNA

NORMA SURDA DE TRADUÇÃO NA ÁREA DE FARMÁCIA
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora

Orientador: Dr. Bruno Gonçalves Carneiro
Coorientador: Dr. Markus Johannes Weinger

Porto Nacional/TO
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- B825n Brauna, Geovana Lima Gonçalves.
Norma Surda de Tradução na área de Farmácia: Relato de Experiência. /
Geovana Lima Gonçalves Brauna. – Porto Nacional, TO, 2026.
81 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
(Mestrado) em Letras, 2026.
Orientador: Bruno Gonçalves Cameiro
Coorientador: Markus Weininger
1. Acessibilidade em Libras. 2. Tradução intermodal. 3. Norma surda de
Tradução. 4. Saúde em Libras. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

GEOVANA LIMA GONÇALVES BRAUNA

NORMA SURDA DE TRADUÇÃO NA ÁREA DE FARMÁCIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras. Foi avaliada para obtenção do título de Mestra em Letras e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro, UFT - Orientador

Prof. Dr. Markus Johannes Weininger, UFSC - Coorientador

Prof. Dr. Renato Jefferson Bezerra Leão Gregório, UFT - Avaliador interno

Prof. Dra. Daniele Miki Fujikawa Bózoli, UTFPR - Avaliador externo

Porto Nacional, 2026

*Às mãos que traduzem mundos e aos olhares
que transformam silêncio em sinais que falam,
palavras que se movem e histórias que se
fazem ver. Dedico este trabalho aos tradutores
surdos, que constroem suas próprias normas
de tradução e mostram que ser surdo é poder,
criação e resistência.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço profundamente a Jeová Deus, que sempre me deu forças em todos os momentos da minha vida e me ensinou a manter a mente positiva.

Ao meu amado esposo, Hugo Brauna, meu fiel companheiro de vida, que sempre me motivou diariamente a seguir em frente, a continuar aprendendo e a crescer. Fizemos a mudança para Palmas (TO) com o objetivo de realizar o meu sonho de cursar o mestrado, e você esteve comigo em todos os momentos, acompanhando-me até Porto Nacional (TO) e me apoiando de forma constante. Mesmo diante das dificuldades e dos momentos de desânimo, você me inspirou com sua motivação e me ensinou a ter coragem. Muito obrigada por tudo!

Aos meus pais, verdadeiros mestres da minha vida, que desde pequena me ensinaram a lutar, a valorizar cada conquista e a ajudar o próximo. O exemplo e o apoio de vocês sempre serão minha maior inspiração. Com vocês aprendi lições que levarei para sempre. Muito obrigada, meus pais!

Aos meus irmãos, Heitor e Helkson que mesmo à distância, permanecem sempre presentes em meu coração.

À minha amada avó, Vovó Helena, que sempre me acolhe com um abraço forte e carinhoso, e que nunca deixa de me convidar para visitá-la e saborear as delícias de Araguaína (TO). Meu amor e gratidão eternos.

Ao meu orientador, Professor Dr. Bruno Carneiro, que sempre foi meu amigo desde os tempos de escola, quando atuava como intérprete de Libras. Agradeço por ter aceitado caminhar comigo nesta jornada, orientando-me com paciência, corrigindo quando necessário e apoiando meu interesse por esta pesquisa.

Ao meu coorientador, Professor Dr. Markus Johannes Weininger, por me ensinar e ampliar minha perspectiva sobre os conceitos de tradução para Libras e por sua parceria no desenvolvimento do projeto.

Ao Professor Dr. Tarcísio Palhano e à Professora Dra. Deuzilane Muniz Nunes, pelo convite, confiança e parceria no Programa FarmaLibras.

À minha amiga farmacêutica surda, Mariana Todeschini, que sempre me apoiou em todos os momentos. Obrigada pelas conversas, pelas trocas e por acreditar no projeto de estimular a atuação de farmacêuticos surdos. Sua confiança foi fundamental!

Agradecimento aos colegas dos Farmacêuticos que aceitaram participar da criação de Sinais na área de farmácia e tradução em Libras para esta pesquisa: Mariana, Lauanda, Matheus, Paulo, Kelvin, Ana Luiza, Anna Luzia e Ana Carolina.

Agradeço à equipe de tradução do FarmaLibras: Núbia Mendes, Markus Johannes Weininger, Clarissa Guerretta, Daniele Miki, Sônia Marta Oliveira, Ricardo Vinícius Simões, Getro Barbosa, Mardônio dos Santos e Davi Lima, por toda a dedicação e trabalho nas atividades de tradução do vocabulário. Muito obrigada!

Agradeço aos professores Dr. Renato Jefferson e Daniele Miki pela disponibilidade em compor a banca de qualificação e pela valiosa contribuição a este trabalho.

Aos meus colegas Benício e Matheus, do grupo Saúde Raiz da Libras, que sempre me incentivaram no projeto e na defesa do mestrado. Obrigada pelas trocas, pelas ideias sobre a tradução na área da farmácia.

Quero expressar minha profunda gratidão à minha família e amigos pelo apoio incondicional, que sempre me fortaleceu, e não poderia deixar de destacá-los nesta ocasião.

E, por fim, a todos os meus familiares, amigos, colegas da UFT, expresso minha mais profunda gratidão por cada palavra de encorajamento e apoio ao longo desta jornada. Vocês foram essenciais para o sucesso desta pesquisa e para minha trajetória acadêmica. Que cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada sinal compartilhado ao longo desta jornada continuem a inspirar caminhos de inclusão, conhecimento e protagonismo.

RESUMO

As barreiras de comunicação entre profissionais da saúde e pessoas surdas comprometem a compreensão de informações essenciais sobre o uso de medicamentos, gerando riscos e inseguranças. A acessibilidade linguística nesse contexto se mostra essencial para promover o direito à saúde, garantindo que pacientes surdos possam compreender bulas, embalagens e orientações clínicas com autonomia. Por ser a Libras uma língua natural de modalidade visual-gestual e estrutura própria, a tradução intermodal da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais deve considerar especificidades inerentes à modalidade e à cultura surda. Diante disso, o objetivo do trabalho é identificar indícios de uma norma surda de tradução nas estratégias e procedimentos de tradução do Português para a Libras na área farmacêutica, a partir das ações de um Programa de Extensão (Nunes; Palhano, 2025; Silva *et al*, 2025; Nunes *et al*, 2024; Nunes; Weininger, 2024). Os produtos do programa foram o levantamento de sinais-termo da área de farmácia, a tradução de termos técnicos e instruções de uso de medicamentos, e a criação de um aplicativo de atendimento aos surdos para maior acessibilidade no acesso às informações e no cuidado. A identificação das estratégias que contemplem a norma surda de tradução ocorreu a partir das reflexões da autora da pesquisa diante da sua experiência prática e das interações e reflexões compartilhadas entre os tradutores, profissionais e estudantes de Farmácia surdos que integram o Programa de Extensão. As reflexões foram baseadas em normas surdas de tradução e no protagonismo surdo (Stone, 2009; 2011). Partimos do princípio de que a tradução intermodal do Português para Libras não deve se limitar à adaptação lexical, mas envolver compreensão cultural e linguística, respeitando os modos de construção de sentido próprios dos surdos. Dentre as estratégias, as categorias que problematizamos são a participação protagonista de surdos nos processos de tradução; criação de glosas e preparação da filmagem; a criação de sinais-termo; a organização do estúdio, equipamentos e filmagem; e a revisão da tradução. Sugerimos que as estratégias identificadas, fortalecem a acessibilidade linguística no cuidado farmacêutico, promovendo um atendimento mais inclusivo e centrado na pessoa surda.

Palavras-chaves: Acessibilidade em Libras. Tradução intermodal. Norma surda de Tradução. Saúde em Libras.

ABSTRACT

Communication barriers between healthcare professionals and deaf individuals compromise the understanding of essential information regarding medication use, creating risks and insecurities. Linguistic accessibility in this context is crucial to uphold the right to health, ensuring that deaf patients can autonomously understand medication leaflets, packaging, and clinical instructions. Since Libras (Brazilian Sign Language) is a natural visual-gestural language with its own structure, the intermodal translation from Portuguese into Libras must account for the specificities inherent to the modality and to Deaf culture. In this regard, the objective of this study is to identify evidence of a Deaf translation norm in the strategies and procedures adopted for translating Portuguese into Libras within the pharmaceutical field, based on the actions of an Extension Program (Nunes & Palhano, 2025; Silva et al., 2025; Nunes et al., 2024; Nunes & Weininger, 2024). The program's outputs included the compilation of sign-terms in the field of pharmacy, the translation of technical terms and medication instructions, and the development of an application to improve accessibility for deaf individuals in accessing information and healthcare services. The identification of strategies aligned with the Deaf translation norm was derived from the researcher's reflections on her practical experience, as well as from the shared discussions and reflections among translators, pharmacists, and Deaf pharmacy students participating in the Extension Program. These reflections were grounded in Deaf translation norms and Deaf protagonism (Stone, 2009; 2011). We assume that intermodal translation from Portuguese into Libras should not be limited to lexical adaptation, but should also encompass cultural and linguistic comprehension, respecting the modes of meaning-making that are intrinsic to the Deaf community. Among the strategies to be problematized are: the protagonistic participation of Deaf individuals in the translation processes; the creation of glosses and preparation for filming; the creation of sign-terms; the organization of the studio, equipment, and filming; and the revision of the translation. We suggest that the identified strategies strengthen linguistic accessibility in pharmaceutical care, promoting inclusive and patient-centered care for Deaf individuals.

Key-words: Accessibility in Libras. Intermodal Translation. Deaf Translation Norm. Health in Libras.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Sinal-termo Farmácia.....	19
Figura 2 - ENEM 2017	20
Figura 3 - Banner no II CBCF	22
Figura 4 - Ficha terminográfica “Labirintite”.....	36
Figura 5 - Libras (glosa): “Nome”?.....	43
Figura 6 - Gravação em Libras: “Medicação de uso contínuo”	44
Figura 7 - Gravação em Libras: “Fibromialgia – contraindicação”	45
Figura 8 - Gravação em Libras: “Fibromialgia”.....	47
Figura 9 - Gravação em Libras: “Siga a prescrição médica”	48
Figura 10 – Material didático Ensino de Libras	54
Figura 11 – Uso certo: guia fácil sobre medicamentos	54
Figura 12 – Ebook Vocabulário farmacêutico bilíngue.....	58
Figura 13 - Libras: “Lave as mãos antes de comer”.....	60
Figura 14 - Libras: “Colírio - manhã e noite”	61
Figura 15 - Libras: “Tomar 3x ao dia.”	62
Figura 16 - Libras: “Antibiótico por 7 dias”.....	63
Figura 17 - Capa Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Libras	65
Figura 18 - Capa Cartilha de Libras em Medicina e Saúde.....	66
Figura 19 - Sinal termo de Remédio.....	66
Figura 20 - Sinal termo de Hospital.....	67
Figura 21 - Sinal termo de Hospital Privado e Público	68
Figura 22 - Sinal termo de Farmácia Hospitalar em Libras	69
Figura 23 - Sinal termo de Profissional Farmacêutico em Libras	69
Figura 24 - Sinal termo de Farmácia Comunitária em Libras	70
Figura 25 - Fundo verde, maquiador	71
Figura 26 - Estúdio do Aquário I.....	72
Figura 27 - Estúdio do Aquário II	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Etapa de inserção de imagens de embalagem e bula no material em Libras.....	30
Tabela 2 - Diferenças entre o ICOM e a CIL	34
Tabela 3 - Três princípios da norma surda	45
Tabela 4 - Estratégias de tradução de medicamentos para Libras.....	43
Tabela 5 – Exemplos de frases traduzidas para Libras.....	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ASESP	Associação de Surdos do Estado do São Paulo
CBCF	Congresso Brasileiro de Ciências Farmacêuticas
CODA	<i>Child of Deaf Adults</i>
CMTO	Centro de Mídias Educacionais do Tocantins
CIM	Centro de Informação sobre Medicamentos
CFE	Conselho Federal de Farmácia
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FEBRAPILS	Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
GMEACM	Gerência de Mídias Educacionais e Acompanhamento aos Centros de Mídias
HDT	Hospital de Doenças Tropicais
HGP	Hospital Geral de Palmas
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação
SUS	Sistema Único de Saúde
TO	Tocantins
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UBS	Unidade Básica de Saúde
UPA	Unidade de Pronto Atendimento
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Justificativa	14
1.2	Objetivos	16
1.3	Formação acadêmica, trajetória profissional e identidade surda	16
1.4	Estrutura do presente trabalho	24
2	SERVIÇOS DE SAÚDE E AS INFORMAÇÕES EM LIBRAS	25
2.1	Acessibilidade em Libras e a Legislação Brasileira	25
2.2	Tradução e Interpretação em Libras na área da saúde	28
3	ASPECTOS E ABORDAGENS RELEVANTES NA TRADUÇÃO	37
3.1	Tradução Intramodal Português-Libras	37
3.2	Norma de Tradução de acordo com Stone (2009; 2011)	41
3.3	Estratégias de Tradução de Terminologia Farmacêutica para a Libras	50
4	METODOLOGIA	53
4.1	Tipo de pesquisa	53
4.2	Autoetnografia	56
4.3	Categorias de análise	57
5	RESULTADOS	59
5.1	Tradutores Surdos	59
5.2	Estudo do material na língua fonte (português)	63
5.3	Produção das glosas e preparação da filmagem	64
5.4	Criação de sinais-termo	65
5.5	Estúdio, equipamentos e filmagem	70
5.6	Revisão da tradução (Libras)	73
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “Norma surda de tradução na área de Farmácia: relato de experiência” envolve identificar e descrever as estratégias de tradução de um Programa de Extensão sobre atendimento ao público surdo em Libras (Língua Brasileira de Sinais), a partir de uma norma surda de tradução. A proposta é apresentar as etapas das ações de realização desse projeto que evidencia um pertencimento surdo, a forma de organização a partir de uma perspectiva surda e as tomadas de decisões que consideram as experiências dos surdos. Esta pesquisa é conduzida por uma pesquisadora surda e integrante do programa.

Esta pesquisa é um relato de experiência na perspectiva da autora, surda e integrante do projeto, sobre a norma surda nas ações e procedimentos de tradução do português para a Libras (vídeo). Essa iniciativa é oportuna porque pode servir como modelo para iniciativas semelhantes na área da saúde. A proposta de estratégias de tradução farmacêutica para Libras que respeitem a norma surda utiliza um processo estruturado e procedimentalizado para traduzir informações de medicamentos do português para a Libras.

1.1 Justificativa

A presente pesquisa surge da necessidade de refletir sobre a acessibilidade linguística no campo farmacêutico, com foco na tradução intermodal de conteúdos técnicos da Língua Portuguesa para a Libras. A área da saúde, em especial a farmácia, carece de estratégias tradutórias voltadas aos surdos que respeitem sua identidade linguística e cultural. Ainda é comum encontrar materiais traduzidos de forma literal ou inadequada, que não consideram as especificidades das línguas de sinais e da cultura surda, comprometendo o entendimento de informações cruciais como uso correto de medicamentos e orientações clínicas (Gomes & Santos, 2020; Rosa, 2021).

Essa realidade motivou o desenvolvimento deste trabalho, a partir de uma experiência pessoal durante a graduação em Farmácia, na qual se percebeu a ausência de sinais específicos e de conteúdos acessíveis em Libras, adequados às práticas comunicativas no atendimento aos surdos. A percepção dessa lacuna despertou o interesse em investigar soluções possíveis e em propor estratégias que valorizem a cultura e as epistemologias surdas no campo da tradução intermodal (Skliar, 1998; Perlin, 2004).

A pesquisa está fundamentada na proposta de “norma surda de tradução” apresentada por Stone (2009; 2011), que defende a criação de traduções que respeitem os parâmetros linguísticos e culturais da comunidade surda. Essa abordagem rompe com o modelo tradicional de equivalência entre línguas majoritárias e as línguas de sinais, sugerindo que as traduções sejam orientadas pelos valores, práticas e experiências dos surdos. Nesse contexto, conhecermos critérios da norma surda de tradução, na prática, pode favorecer iniciativas de tradução do Português para a Libras na área da saúde, por isso a importância desta pesquisa.

Para isso, pretende-se apresentar o conceito de norma surda tal como formulado por Stone (2009; 2011), mapear sua recepção na literatura internacional e brasileira, identificar estratégias de tradução baseadas nesses princípios e oferecer contribuições práticas para tradutores surdos e equipes de acessibilidade linguística. Dessa forma, a pesquisa se insere em um campo interdisciplinar entre os Estudos da Tradução, a Linguística Aplicada e as Ciências Farmacêuticas, com potencial de impactar políticas de saúde pública inclusiva.

O acesso a informações em língua de sinais é uma pauta de grande relevância para os surdos, pois a Libras é uma língua de sinais nacional e reconhecida pela legislação. Nesse sentido, é interessante ressaltar a importância do ensino de Libras como língua adicional para que tenhamos farmacêuticos mais preparados a atenderem pessoas surdas e, assim, uma rede de interação em língua de sinais cada vez mais satisfatória.

A legislação nacional, principalmente após a publicação do Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, prevê a implantação de políticas públicas e privadas de incentivo ao uso e difusão da Libras em território nacional (Brasil, 2002; 2005). O Conselho Federal de Farmácia (CFF) reconhece a relevância da formação em Libras como ferramenta essencial para garantir o direito à informação e ao atendimento de qualidade às pessoas surdas, conforme orienta a Resolução CFF nº 662/2018, que estabelece diretrizes para a atuação do farmacêutico no atendimento à pessoa com deficiência (CFF, 2018). O apoio da instituição a programas e projetos de extensão que fortalecem a Libras evidencia a necessidade urgente de promover acessibilidade linguística no setor farmacêutico, contribuindo para a quebra de barreiras comunicacionais e a promoção de um atendimento mais equitativo e inclusivo.

A tradução de informações farmacêuticas do português para a Libras, por meio de recursos audiovisuais e tecnologias digitais, têm ampliado o acesso da população surda a conteúdos essenciais sobre medicamentos. Essas estratégias possibilitam maior compreensão sobre formas de uso, cuidados necessários e riscos associados, contribuindo para um acompanhamento terapêutico mais seguro e autônomo.

Além disso, o uso de vídeos em Libras favorece a comunicação direta, respeitando a estrutura visual-espacial da língua e reduzindo barreiras que antes dificultavam o entendimento das informações farmacêuticas. Dessa forma, iniciativas que utilizam suportes digitais em língua de sinais fortalecem o direito à saúde e à informação, promovendo maior autonomia da pessoa surda em suas decisões relacionadas ao tratamento medicamentoso.

1.2 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é identificar indícios de uma norma surda de tradução nas estratégias e procedimentos de tradução intermodal da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais na área de Farmácia, a partir das ações de um Programa de Extensão.

Os objetivos específicos são:

- Analisar em que medida critérios da norma surda de tradução foram adotados nos procedimentos de tradução intermodal da Língua Portuguesa para a Língua Brasileira de Sinais;
- Identificar indícios de um protagonismo surdo enquanto estratégia de uma norma surda de tradução nos procedimentos de tradução intermodal da Língua Portuguesa para a Libras;
- Estabelecer um roteiro de uma norma surda de tradução para grupos de trabalho que atuam na tradução de conteúdos da área da saúde da Língua Portuguesa para a Libras;

Para isso, baseamos no conceito de norma surda formulado por Stone (2009; 2011), que descreve como as normas de tradução aquelas desenvolvidas a partir da experiência prática de tradutores e intérpretes surdos, que atuam respeitando os valores culturais, visuais e linguísticos da comunidade surda.

A pergunta de pesquisa que norteia esta investigação é quais estratégias e procedimentos durante a tradução intermodal da Língua Portuguesa para a Libras indicam a presença de uma norma surda de tradução na área da Farmácia?

1.3 Formação acadêmica, trajetória profissional e identidade surda

Conforme mencionado anteriormente, esta pesquisa é conduzida por uma pesquisadora surda e integrante do projeto. Nesse sentido, é oportuno traçar uma trajetória da pesquisadora

em relação à formação acadêmica, profissional e sua constituição na língua de sinais, identidade e cultura surda.

Aos sete meses de idade, adoeci de meningite e precisei ser internada por 15 dias no Hospital HDT, na cidade de Araguaína (TO), lutando para sobreviver. Após a alta, meus pais notaram que eu não estava escutando e buscaram ajuda médica novamente. Foi então que descobriram minha surdez bilateral profunda.

Aos quatro anos, comecei a frequentar minha primeira escola, Pintando o Sete, onde brincava e interagia com outras crianças. Durante a alfabetização, fui matriculada no Colégio Objetivo, onde conheci outra criança surda. Fiquei muito feliz, pois até então não sabia que existiam outras pessoas surdas como eu. No entanto, em uma reunião com meus pais, a escola sugeriu que eu fosse transferida para uma instituição que atendesse melhor às minhas necessidades. Isso me desanimou bastante. Meu pai identificou a situação como discriminatória e decidiu me matricular em uma nova escola, no Paroquial, onde fui bem tratada. Contudo, nenhuma das escolas que frequentei oferecia condições adequadas para o aprendizado da Libras, tampouco disponibilizava um intérprete.

Quando completei sete anos, meus pais decidiram me levar para a Escola Estadual Modelo. Lá, na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), comecei a aprender o alfabeto manual e, aos poucos, fui adquirindo conhecimentos básicos por meio de gestos, já que a professora não era fluente em Libras. Em sala de aula, não havia intérprete de Libras. Alguns dos professores, após explicar o conteúdo em português oral para os alunos ouvintes, aproximavam-se de mim e tentavam resumir o conteúdo através de gestos. Meu pai também passou a frequentar um curso de Libras, buscando entender melhor a cultura surda e se comunicar comigo.

Em 2009, fui matriculada em uma escola regular, pois meus pais constataram que, aos 13 anos, eu estava motivada a continuar os estudos no ensino fundamental. No entanto, como minha cidade era pequena, não havia intérpretes disponíveis nas escolas. Conheci outros estudantes surdos que se comunicavam em Libras, mas eu ainda não compreendia completamente os sinais. Assim, comecei a aprender Libras por meio da convivência com eles. Não tive acesso a intérprete de Libras, tampouco houve qualquer adaptação nos métodos de ensino ou avaliação voltados a alunos surdos.

No ensino médio, enfrentei ainda mais dificuldades e me senti isolada, pois não conhecia os colegas nem os professores. Posteriormente, fui transferida para uma escola particular, onde,

pela primeira vez, teve acesso a um intérprete de Libras. Isso transformou minha experiência escolar, pois passei a compreender melhor os conteúdos e a aprender de forma mais efetiva.

Após concluir o ensino médio, comecei a trabalhar em um hospital e me identifiquei com a área da saúde, o que me levou a escolher o curso de Farmácia. Escolhi os cursos de Pedagogia e Farmácia e fui aprovada em ambos. Em 2016, ingressei na universidade, mas, no início, não conhecia os sinais específicos da área da saúde. Felizmente, a universidade disponibilizou uma intérprete de Libras, o que possibilitou o acesso a novos conceitos e contribuiu significativamente para a construção de sinais relacionados a termos técnicos da área da Farmácia. A intérprete demonstrou grande comprometimento, buscando referências, pesquisas e materiais específicos para apoiar a construção e compreensão desses sinais no contexto farmacêutico.

Reconheço que esse trabalho não é fácil, pois exige dedicação, estudo constante e sensibilidade linguística e cultural, especialmente em uma área tão específica e técnica como a Farmácia.

Alguns docentes afirmavam que era proibido o intérprete acompanhar a estudante surda para realizar a tradução da prova. Eu perguntava ao professor o significado de algumas palavras na avaliação. Foram momentos muito difíceis.

Durante a graduação, conheci uma colega surda que usava aparelho auditivo, era oralizada e não sabia Libras. Fiquei empolgada por encontrar alguém com uma experiência semelhante à minha. Em seis meses, ela começou a aprender Libras e criamos uma forte amizade. Sempre estudávamos juntas, realizamos atividades em dupla ou em grupo, e nos apoiamos mutuamente em todas as etapas do curso. Como pessoa surda, enfrentei desafios específicos, principalmente no início, por não conhecer muitos dos termos técnicos utilizados na área da Farmácia. Tive bastante dificuldade para compreender e explicar alguns conceitos, pois muitas vezes faltavam recursos acessíveis em Libras ou explicações visuais adequadas. Ainda assim, com apoio das colegas, dos professores e com muito estudo, fui superando essas barreiras. Foram cinco anos de muito aprendizado e crescimento.

Durante a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), também desenvolvi uma pesquisa voltada à área farmacêutica, motivada pela ausência de sinais específicos em glossários mais antigos e pelo fato de os sinais utilizados no contexto da minha formação acadêmica ainda estarem incompletos. Na pesquisa, encontrei no *Dicionário Acesso Brasil* alguns sinais no sistema, e achei bem importante, ainda que básico.

Figura 1 - Sinal-termo Farmácia



Fonte: Libras - Acesso Brasil (2011).

No Dicionário Acesso Brasil, o sinal para a área de “Farmácia” e o local “Farmácia” é o mesmo: consiste em repetir movimentos circulares horizontais. O sinal para “remédio” em Libras é realizado da seguinte forma: a mão esquerda fica aberta na posição horizontal, com a palma voltada para cima; a mão direita fica em configuração de “S” (punho fechado), na horizontal, com a palma voltada para dentro, tocando a palma da mão esquerda. A mão direita então realiza movimentos circulares horizontais sobre a palma esquerda, o que justifica a posição desta.

Em 2017, tive a oportunidade de realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) por meio das videoprovas traduzidas para a Libras. Essa experiência foi extremamente marcante, pois foi a primeira vez que realizei uma prova em Libras. Até então, sempre precisei estudar exclusivamente em português escrito, o que representava uma grande dificuldade, já que essa não é minha primeira língua.

Durante a aplicação, tive acesso ao notebook com os vídeos em Libras e aos DVDs contendo as traduções das questões, além de receber o caderno de prova, a folha de redação e o cartão-resposta, como os demais participantes. Foi um momento muito significativo, pois pude realizar a prova com maior compreensão, autonomia e segurança.

Ao assistir aos vídeos, percebi a atuação dos tradutores e tradutoras surdos no ENEM, o que me causou grande emoção e orgulho. Ver surdos ocupando esse espaço profissional reforçou em mim a compreensão de que pessoas surdas são plenamente capazes e devem ser protagonistas nos processos de acessibilidade. Essa experiência me marcou profundamente e fortaleceu minha motivação para seguir minha trajetória acadêmica e profissional na área da tradução e da saúde.

Figura 2 - ENEM 2017



Fonte: Enem - Videoprova em Libras (2017).

Além disso, essa vivência me fez refletir sobre as dificuldades enfrentadas por muitos surdos que não têm pleno domínio da língua portuguesa, o que pode comprometer suas chances de acesso ao ensino superior. A oferta da videoprova em Libras representa, portanto, um avanço importante na política de acessibilidade educacional, contribuindo para a inclusão e a equidade de oportunidades.

Uma colega da formada em Fisioterapia criou, desde 2016, um grupo no WhatsApp chamado 'Raiz da Saúde', voltado para profissionais e estudantes da área da saúde que atuam com pessoas surdas. O grupo conta atualmente com 125 pessoas surdas, o que considero um número bastante significativo, principalmente para a área da saúde. Além disso, cerca de 20 pessoas surdas participam mais diretamente das atividades relacionadas à área de Farmácia.

No Brasil, existem milhões de pessoas com deficiência auditiva, mas ainda há pouca participação na área da saúde, especialmente na Farmácia. Por isso, esse grupo se torna importante para promover inclusão, troca de conhecimento e desenvolvimento profissional.

O objetivo do grupo é estimular a reunião e a interação entre pessoas surdas, promover palestras, criar sinais na área da saúde para facilitar a comunicação e também organizar informações sobre medicamentos, como uma espécie de apoio farmacêutico dentro do grupo

Infelizmente, constatei que ainda há poucos estudantes surdos na área da Farmácia e da Saúde em geral, o que dificulta a troca de experiências e conhecimentos entre nós. Em maio de 2020, comecei a buscar no Instagram por profissionais surdos na área da Farmácia e encontrei uma Farmacêutica Surda. Fiquei muito feliz ao conhecê-la, pois até então não sabia de outra pessoa surda formada na mesma área. A partir disso, iniciamos uma amizade e passamos a trocar conversas e experiências. Em uma chamada de vídeo pelo WhatsApp, surgiu a ideia de

criar um grupo para reunir surdos que estudavam ou trabalhavam na área da Farmácia. Com essa iniciativa, minha amiga farmacêutica criou o grupo Surdos em Farmácia, com o objetivo de conectar estudantes e profissionais surdos para compartilhar informações e fortalecer nossa presença na área da saúde.

Em 2021, iniciei minhas atividades em uma das farmácias mais renomadas do país, atendendo principalmente clientes ouvintes, mas também vivenciando situações que envolveram pessoas surdas. Durante o período da pandemia, o uso obrigatório de máscaras representou um desafio adicional para a comunicação, dificultando a compreensão das informações sobre medicamentos, tanto para clientes ouvintes quanto para surdos. Para contornar essas barreiras, solicitei que os clientes escrevessem em papel ou celular os medicamentos desejados, permitindo-me buscar os produtos, verificar os preços e fornecer orientações de forma precisa e eficiente.

Em outra situação, dois clientes surdos trouxeram uma receita médica, mas tiveram dificuldades em compreender todos os detalhes contidos nela. Realizei a leitura completa da prescrição para o médico e, posteriormente, traduzi as informações para Libras, utilizando sinais claros e recursos de mimetização. Dessa forma, eles puderam compreender corretamente os medicamentos indicados, garantindo segurança e autonomia no uso.

Ao atender clientes ouvintes simultaneamente, tornou-se necessário alternar estratégias de comunicação, adaptando o uso da língua portuguesa escrita e oral, de modo a manter a clareza e eficiência do atendimento. Essa experiência evidenciou que a comunicação acessível e inclusiva é fundamental na prática farmacêutica, e que o uso da Libras não apenas favorece pacientes surdos, mas também contribui para a reflexão sobre estratégias de tradução, compreensão e atendimento seguro no contexto da saúde.

Dessa forma, a experiência prática reforça a relevância da presente pesquisa, que busca propor estratégias de tradução do português para Libras na área farmacêutica, baseadas nas normas surdas e no pertencimento surdo, com o objetivo de ampliar a acessibilidade linguística, a segurança e a qualidade do atendimento em saúde.

Figura 3 - Banner no II CBCF



Fonte: A Autora (2026).

Em 2022, após o período da pandemia de COVID-19, participei pela primeira vez do II Congresso Brasileiro de Ciências Farmacêuticas (CBCF), realizado em Foz do Iguaçu. Ao pesquisar sobre o evento, descobri que havia a possibilidade de submissão de resumos. Diante disso, entrei em contato com uma amiga surda farmacêutica, e decidimos elaborar juntas um resumo com o objetivo de evidenciar a importância da presença e da valorização de profissionais surdos na área farmacêutica. Durante o processo, trocamos experiências e ideias que resultaram na aprovação e publicação do nosso trabalho. O tema apresentado foi “Desafios e conquistas dos surdos nos estudos de Farmácia”¹. Ficamos extremamente felizes com esse reconhecimento, o que nos motivou a continuar desenvolvendo um projeto de pesquisa nessa área. Além dessa experiência, fui muito bem acolhida por ela, pela equipe de intérpretes e por uma Coda (*child of deaf adults*, em inglês - filha de pais surdos), cuja participação foi especialmente significativa. A dedicação e o comprometimento de todos com a acessibilidade na área farmacêutica foram inspiradores. Desde então, participo do Programa FarmaLibras, cuja equipe é composta por farmacêuticos, linguistas, tradutores e intérpretes, e reconheço sua importância na promoção da inclusão e no fortalecimento da comunicação entre profissionais de saúde e os surdos.

Durante uma experiência prática na Unidade de Pronto Atendimento (UPA), observei que uma pessoa surda não conseguiu compreender as orientações médicas escritas em português, que para ela eram confusas, e não havia intérprete de Libras disponível. Fiz realizando leitura simples para o médico e, em seguida, traduzi as informações para Libras,

¹ Conselho Federal de Farmácia (2023). Resumos do II Congresso Brasileiro de Ciências Farmacêuticas. *Infarma - Ciências Farmacêuticas*, 35(sup1), 41–836. <https://doi.org/10.14450/2318-9312.v35.esup1.a2023.pp41-836>

utilizando sinais claros. Dessa forma, o paciente pôde compreender sua condição e responder sobre comorbidades, como diabetes ou hipertensão. Essa situação evidenciou a importância da acessibilidade em Libras para garantir um atendimento seguro, eficaz e centrado no paciente.

Em seguida, minha experiência profissional em uma drogaria possibilitou articular minha vivência pessoal com a área da saúde, permitindo compreender, na prática, as dificuldades enfrentadas por pessoas surdas nos serviços farmacêuticos. Ao longo do meu trabalho, diversos pacientes surdos buscaram orientação diretamente comigo para esclarecer dúvidas sobre o uso de medicamentos, como sua finalidade, modo de uso e horários corretos de administração.

Nesses atendimentos, utilizei Libras e recursos visuais, como imagens ilustrativas, a fim de tornar as orientações mais compreensíveis. Um exemplo recorrente foi a dificuldade de compreensão do intervalo de uso “12 em 12 horas”. Muitos pacientes associavam esse período apenas ao horário do almoço, e não ao intervalo exato de doze horas. Assim, eu explicava de forma visual que, por exemplo, se o medicamento fosse tomado às 7h da manhã, a próxima dose deveria ser às 19h, garantindo a regularidade do tratamento.

Essas experiências evidenciaram que a ausência de acessibilidade em Libras compromete a autonomia e a segurança dos usuários surdos, especialmente no que se refere ao uso correto dos medicamentos. A falta de comunicação adequada pode gerar erros na administração, colocando em risco a saúde dessa população.

No Brasil, a tradução de conteúdos farmacêuticos para Libras, como bulas, rótulos e orientações médicas, ainda é limitada (Mendes, 2019). A acessibilidade em Libras na área da saúde é fundamental para garantir que pessoas surdas tenham um atendimento seguro, eficaz e humanizado. As pessoas surdas ainda enfrentam desafios no acesso às informações sobre medicamentos, já que a maioria dos rótulos, bulas e orientações médicas são disponibilizados apenas em português escrito, dificultando a compreensão por aqueles cuja língua principal (L1) é a Libras. A ausência de acessibilidade compromete não apenas o direito à comunicação, mas também a adesão aos tratamentos e a prevenção de erros na administração de medicamentos.

No ano de 2022, iniciei uma segunda graduação, o curso de licenciatura em Letras Libras, com o objetivo de aprofundar meus conhecimentos na área da Linguística. Essa nova formação despertou em mim o interesse pela pesquisa, especialmente no campo da Tradução em Libras, e me motivou a desenvolver uma proposta voltada à área da Farmácia.

Ingressei no programa de mestrado da Universidade Federal do Tocantins (UFT), campus Porto Nacional, motivada pelo interesse em aprofundar estudos na área de tradução,

tema central da minha pesquisa. Desde o início, engajei-me ativamente nas atividades acadêmicas, participando de encontros com três colegas surdos que também cursam o mestrado, bem como de diversas palestras, congressos e atividades de monitoria. Esse envolvimento proporcionou uma compreensão mais ampla do campo da tradução, ampliou minhas experiências práticas e contribuiu significativamente para o desenvolvimento e o andamento da minha pesquisa. Eu ministrei a palestra “Tradutora Surda de Libras na Web Farmácia”² durante o 7º Setembro Surdo: Importância do Professor Surdo no Ensino de Libras na Educação Básica e Superior, referente ao período letivo de 2025/2, na Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Campus de Porto Nacional.

O trabalho envolveu a participação ativa de um grupo de tradutores surdos, incluindo a autora desta dissertação. A experiência consistiu na realização de traduções do português para Libras, com atenção especial à clareza, naturalidade e fidelidade das informações.

Durante o processo, cinco pessoas surdas colaboraram na tradução e na gravação de conteúdos em estúdio, representando diferentes papéis comunicativos, como clientes e profissionais da saúde. O trabalho exigiu intensa colaboração, discussão e validação coletiva, garantindo que os sinais, expressões faciais e recursos visuais fossem precisos e compreensíveis.

A acessibilidade em Libras na área da saúde é fundamental para garantir que pessoas surdas tenham um atendimento seguro, eficaz e humanizado. A ausência de acessibilidade compromete não apenas o direito à comunicação, mas também a adesão aos tratamentos e a prevenção de erros na administração de medicamentos.

1.4. Estrutura do presente trabalho

Esta dissertação está dividida em outros cinco capítulos. No segundo capítulo, apresentamos um breve recorte sobre a acessibilidade em Libras na área da saúde, garantidos na legislação brasileira. No terceiro capítulo, apresentamos a Tradução Intermodal do Português para a Libras e a norma surda de Tradução, de acordo com Stone (2009; 2011). No quarto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos em relação ao tipo de pesquisa, ao caráter autoetnográfico e às categorias de análise. Por fim, no quinto capítulo, problematizamos as estratégias e os procedimentos de tradução intermodal da Língua Portuguesa para a Libras

² Palestrante no evento 7º Setembro Surdo da UFT (2025/2), com o tema “Tradutora Surda de Libras na Web Farmácia

de um projeto de extensão que evidencia o protagonismo, a perspectiva e as experiências dos surdos.

2 SERVIÇOS DE SAÚDE E AS INFORMAÇÕES EM LIBRAS

2.1 Acessibilidade em Libras e a Legislação Brasileira

A Lei nº 8.080/1990, conhecida como Lei Orgânica da Saúde, estabelece os fundamentos do Sistema Único de Saúde (SUS), com base no princípio de que a saúde é direito de todos e dever do Estado (Brasil, 1990). Essa legislação é fundamental para garantir a universalidade, a equidade e a integralidade da atenção à saúde de toda a população, incluindo as pessoas com deficiência. Para as pessoas surdas, a lei reforça o dever do SUS de promover atenção integral e acessível, considerando as necessidades específicas de comunicação. Isso inclui a utilização da Língua Brasileira de Sinais como meio de acesso à informação em saúde, especialmente no acolhimento, diagnóstico, tratamento e orientação sobre medicamentos.

A elaboração e a execução de políticas de medicamentos, conforme o Art. 6º da Lei nº 8.080/1990, abrange não apenas a produção e distribuição, contudo ainda assim, a transmissão de informações seguras e compreensíveis. Para os surdos, isso implica garantir que as bulas, orientações e prescrições estejam disponíveis em formatos acessíveis, como vídeos em Libras, glosas, linguagem simples e interpretação em tempo real nos atendimentos.

Uma das atribuições do SUS está “a formulação da política de medicamentos, equipamentos, imunobiológicos e outros insumos de interesse para a saúde e a participação na sua produção” (Brasil, 1990). Entretanto, muitas vezes, a informação sobre medicamentos não está disponível em Libras, o que representa uma barreira ao exercício pleno do direito à saúde pela população surda. A ausência de rótulos acessíveis, bulas em Libras, vídeos informativos ou a falta de profissionais que dominem a Libras dentro dos serviços de saúde compromete a compreensão sobre o uso, as doses, os efeitos colaterais e as contraindicações dos medicamentos.

Nesse contexto, propõe-se a inserção de QR Codes nas bulas impressas, como uma alternativa viável para promover acessibilidade linguística. O QR Code pode ser incorporado diretamente no layout da bula em papel, sem interferir na sua estrutura física, permitindo que o usuário, por meio de um dispositivo móvel, acesse conteúdos digitais complementares. Ao ser escaneado, o QR Code pode direcionar para vídeos em Libras contendo a tradução das informações essenciais do medicamento, como indicação, posologia, contraindicações e possíveis efeitos adversos. Essa solução possibilita a integração entre o material impresso e

recursos digitais, ampliando o alcance da informação e favorecendo a autonomia da pessoa surda no acesso ao conteúdo.

Além disso, essa proposta apresenta vantagens importantes, como a possibilidade de atualização dos conteúdos em ambiente digital sem a necessidade de reimpressão das bulas, bem como o uso de tecnologias amplamente disponíveis, como smartphones.

Essa abordagem está alinhada à perspectiva apresentada por Mendes (2019), que destaca a importância da tradução de informações farmacêuticas para Libras como estratégia para garantir o direito linguístico e o acesso das pessoas surdas à área da saúde. Embora a autora não trate especificamente do uso de QR Codes, sua pesquisa reforça a necessidade de iniciativas que tornem as informações sobre medicamentos acessíveis em Libras.

Dessa forma, a inserção de QR Codes em bulas impressas configura-se como uma estratégia possível e inovadora para minimizar barreiras comunicacionais, contribuindo para a promoção da acessibilidade e da equidade no acesso à informação em saúde.

Nesse sentido, o uso da Libras é essencial para garantir o acesso pleno à informação, especialmente em contextos de atendimento à saúde. O SUS, como política pública de saúde universal, tem o dever de assegurar esse direito por meio de dispositivos legais e normativos.

A base legal para a acessibilidade em Libras no SUS está ancorada na Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas no Brasil (Brasil, 2002). Na área da saúde, a lei reforça a importância de garantir acessibilidade linguística aos surdos, promovendo a inclusão por meio da presença de intérpretes de Libras e da adaptação das informações de saúde. A comunicação eficaz é um direito, e sua ausência pode comprometer o diagnóstico, o tratamento e o cuidado integral à saúde da pessoa surda. Essa legislação é um marco no reconhecimento do *ser surdo* como uma diferença linguística e cultural, e não apenas como uma deficiência sensorial.

Essa lei foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, que detalha as obrigações do poder público, incluindo a capacitação de profissionais da saúde para o uso de Libras e a disponibilização de intérpretes sempre que necessário para atender pessoas surdas de forma adequada. No contexto da saúde, isso significa oferecer informações claras, acessíveis e seguras sobre exames, diagnósticos, tratamentos e uso de medicamentos (Brasil, 2005).

Além disso, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) reforça o direito das pessoas com deficiência à comunicação plena e efetiva, garantindo-lhes acesso à informação e à comunicação em Libras nos serviços públicos, incluindo os da saúde (Brasil, 2015).

De acordo com o Art. 3º, inciso V, da referida Lei, a comunicação é compreendida como a forma de interação entre os cidadãos, abrangendo, entre outras possibilidades, a Libras, a visualização de textos, o sistema Braille, os sistemas de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, a linguagem simples escrita e oral, os meios de voz digitalizados, bem como os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e da comunicação (Brasil, 2015). Essas considerações ressaltam a necessidade de transmissão acessível de informações sobre medicamentos que devem se estender a todas as etapas do cuidado à saúde.

A Resolução CFF nº 662, de 25 de outubro de 2018, publicada pelo Conselho Federal de Farmácia, estabelece diretrizes para a atuação do farmacêutico no atendimento às pessoas com deficiência, com ênfase na promoção da acessibilidade e inclusão, especialmente por meio da Libras (RESOLUÇÃO 662, 2018). Entre os principais pontos, destaca-se a necessidade de que os profissionais estejam capacitados para se comunicar de forma eficaz com usuários surdos, promovendo um atendimento humanizado e equitativo. A resolução também incentiva o uso de tecnologias assistivas e ferramentas de apoio à comunicação, além da adequação dos serviços farmacêuticos ao princípio da acessibilidade universal.

Com essa iniciativa, o CFF reconhece a importância do papel do farmacêutico na garantia do acesso à informação em saúde para todos os cidadãos, e incentiva ações como a criação de materiais bilíngues (Português-Libras), treinamentos em Libras e adaptações nos ambientes de atendimento. A medida representa um avanço na construção de uma prática profissional mais inclusiva, contribuindo para a autonomia e segurança do paciente com pessoas surdas.

2.2 Tradução e Interpretação em Libras na Saúde

Chaveiro, Barbosa e Porto (2008) abordaram, dentro da categoria “comunicação”, a necessidade de mudanças nas práticas dos profissionais da saúde para que os usuários surdos não sejam prejudicados no momento do atendimento, especialmente no que diz respeito à transmissão de informações. Essas informações são essenciais para garantir a segurança do paciente, visto que a falta de compreensão sobre o tipo de medicamento administrado pode comprometer significativamente a saúde da pessoa surda. Se não houver entendimento adequado, não há como garantir o uso seguro do produto. Esse cenário se estende também às dificuldades enfrentadas por surdos no acesso às bulas e embalagens de medicamentos.

Os autores destacam a importância de repensar as práticas dos profissionais da saúde, evidenciando que, a ausência de estratégias comunicacionais acessíveis pode comprometer significativamente o cuidado prestado aos surdos e o entendimento de orientações clínicas. Estratégias comunicativas adaptadas às necessidades dos pacientes, especialmente daqueles com barreiras linguísticas, podem promover melhores resultados terapêuticos e segurança no cuidado.



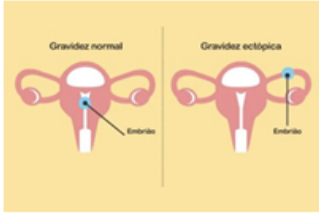

Para Chaveiro, Barbosa e Porto (2008), ainda há lacunas significativas na formação dos profissionais da saúde, tanto em relação ao conhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais quanto à compreensão das necessidades sociolinguísticas dessa população. A presença de intérpretes de Libras nos serviços de saúde é apontada como uma medida fundamental para garantir que os pacientes surdos tenham acesso equitativo às informações.

Entretanto, a tradução e a interpretação envolvendo o par linguístico Língua Portuguesa e Libras, em contextos de saúde, não é mero recurso complementar, mas sim componente estrutural de uma assistência segura, ética e humanizada. A garantia do direito à comunicação, conforme previsto em legislações como a Lei Brasileira de Inclusão, afirma que os serviços de saúde devem adotar medidas para eliminar barreiras de comunicação, garantindo o direito à informação acessível sobre o cuidado em saúde, inclusive sobre o uso correto de medicamentos (Brasil, 2015).

A tradução de informações farmacêuticas essenciais, como nomes de medicamentos, bulas, posologia e efeitos colaterais, para a Libras é fundamental para garantir o acesso à saúde de forma equitativa para a comunidade surda. Mendes (2019) destaca que, historicamente, as pessoas surdas enfrentam barreiras de comunicação que comprometem a compreensão de informações vitais sobre o uso de medicamentos, colocando em risco sua saúde e segurança. O processo de tradução dessas informações não deve ser visto apenas como uma simples transposição de palavras, mas como uma adaptação funcional que considere as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Com base na teoria funcionalista da tradução, Mendes (2019) propõe que as traduções na área farmacêutica devem ser orientadas pelas necessidades do público-alvo, buscando sempre a clareza e a adequação do conteúdo. A autora também enfatiza a importância de ferramentas acessíveis, como o uso de QR-code em embalagens e bulas, que direcionam os pacientes surdos para vídeos traduzidos em Libras, permitindo-lhes acessar as informações de forma autônoma e segura.

Tabela 1 - Etapa de inserção de imagens de embalagem e bula no material em Libras.

Língua Portuguesa	Tradução intermediária	Imagem	Versão em Libras
não tem na embalagem	embalagem/bula, dois (ah!) Libras		
gravidez ectópica	tem grávida útero fora bebê? Implante-braço (expressão dúvidas), conversar médico resolver.		

Fonte: Elaborada por Mendes (2025)

A acessibilidade à informação em saúde é um direito fundamental de todos os cidadãos. No entanto, esse direito ainda não é garantido de forma igualitária, especialmente para a comunidade surda. As bulas e embalagens de medicamentos são predominantemente elaboradas em língua portuguesa, o que limita o acesso de pessoas surdas, cuja primeira língua é a Libras. Essa barreira linguística compromete a compreensão das informações essenciais sobre o uso adequado dos medicamentos, podendo acarretar riscos à saúde e à segurança dos usuários.

De acordo com Mendes (2025), pessoas surdas frequentemente enfrentam dificuldades no acesso às informações contidas em bulas e embalagens de medicamentos, pois tais conteúdos não são disponibilizados em Libras. A autora destaca que essa ausência de acessibilidade linguística pode gerar problemas no uso consciente e seguro de medicamentos, além de reforçar a dependência de terceiros para a interpretação das informações.

Ao analisar os recursos de acessibilidade já existentes, observa-se que há avanços importantes voltados às pessoas cegas, como a utilização do sistema braille nas embalagens de medicamentos. Esse recurso permite maior autonomia no reconhecimento dos produtos. No entanto, essa mesma preocupação não é igualmente aplicada à comunidade surda, que ainda enfrenta barreiras significativas para compreender informações escritas em português, especialmente quando se trata de linguagem técnica presente nas bulas. Dessa forma, evidencia-se uma desigualdade no acesso à informação em saúde entre diferentes grupos de pessoas com deficiência.

Ainda segundo Mendes (2025), a falta de materiais acessíveis em Libras contribui para prejuízos no campo da saúde, uma vez que pessoas surdas podem não compreender corretamente as orientações sobre medicamentos. Essa situação pode levar ao uso inadequado dos fármacos, aumentando os riscos de efeitos adversos e comprometendo a eficácia do tratamento. Assim, torna-se fundamental propor soluções que garantam acessibilidade linguística e promovam a autonomia da comunidade surda.

Nesse contexto, o uso de tecnologias digitais, como o QR Code, surge como uma alternativa acessível e inovadora. O QR Code pode ser inserido nas embalagens de medicamentos e, ao ser escaneado por um dispositivo móvel, direcionar o usuário para conteúdos digitais, como vídeos em Libras. Essa estratégia permite a tradução das informações da bula para a língua natural das pessoas surdas, facilitando a compreensão e garantindo maior segurança no uso dos medicamentos.

Experiências já demonstram que a utilização de QR Codes em materiais da área da saúde amplia significativamente o acesso à informação, permitindo integrar diferentes formatos, como vídeos em Libras, áudio e texto. Dessa forma, essa tecnologia contribui não apenas para a acessibilidade da comunidade surda, mas também para outros públicos com dificuldades de leitura ou compreensão de textos técnicos.

A proposta deste estudo consiste, portanto, na criação de um modelo de bula acessível que utilize o QR Code como meio de acesso a conteúdos em Libras. O processo envolve etapas como a seleção das informações relevantes da bula, a tradução do conteúdo para Libras, a gravação de vídeos, a disponibilização desses materiais em plataformas digitais e a inserção do QR Code nas embalagens dos medicamentos.

Essa proposta está alinhada com a necessidade de promover inclusão, equidade e acessibilidade no sistema de saúde, reduzindo barreiras comunicacionais enfrentadas pela comunidade surda. Além disso, contribui para o fortalecimento da autonomia do paciente e para a melhoria da qualidade do cuidado em saúde.

Diante disso, conclui-se que a implementação de bulas acessíveis em Libras, por meio do uso de QR Code, representa uma solução viável, inovadora e necessária. Essa iniciativa tem potencial para transformar o acesso à informação em saúde, promovendo maior igualdade entre pessoas surdas e outros grupos que já contam com recursos de acessibilidade, como o braille.

Sendo assim, as pessoas surdas devem ser reconhecidas como sujeitos pertencentes na constituição, no uso e transmissão da Libras, bem como nos processos de tradução e interpretação. Elas não são apenas receptoras da acessibilidade, mas produtoras de sentidos,

conhecimentos e práticas culturais. Sua participação é essencial para garantir que a Libras utilizada em contextos como a saúde e a farmacologia reflita as realidades e necessidades da comunidade surda, especialmente no uso de termos técnicos e expressões específicas.

Ao considerar os surdos como pertencimentos na mediação linguística, rompe-se com uma lógica assistencialista e reforça-se o princípio da inclusão plena e do respeito à diversidade linguística. Portanto, a tradução de informações farmacêuticas para Libras não é apenas uma questão de acessibilidade linguística, mas também de direitos humanos, pois assegura que a população surda tenha igualdade de condições no acesso à informação e, conseqüentemente, à saúde de qualidade.

A atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS) na área da saúde é permeada por complexidades que extrapolam a mera conversão linguística. Conforme aponta Bez de Jesus (2017), o cenário clínico impõe desafios interpretativos significativos, uma vez que o intérprete atua como a ponte de comunicação em situações onde a precisão das informações pode determinar o sucesso de um diagnóstico ou de um tratamento terapêutico. Na página 115 de sua tese, o autor destaca que as barreiras não são apenas comunicativas, mas também institucionais e terminológicas.

Um dos principais obstáculos reside na densidade do vocabulário técnico. Como discutido por Weininger e Queiroz (2014) em "Interpretação na área da saúde em Libras-Português", a falta de sinais-termo padronizados para conceitos médicos e farmacêuticos específicos exige que o intérprete lance mão de estratégias como a perífrase, a datilologia ou a criação de sinais contextuais. Essa lacuna terminológica reforça a importância de estudos que busquem estabelecer normas e glossários, como o caso das normas surdas de tradução voltadas para a farmácia.

Além da questão lexical, a atuação na saúde exige uma postura ética rigorosa. O intérprete lida com a vulnerabilidade do paciente surdo e com o discurso de autoridade do profissional de saúde. Weininger e Queiroz (2014) ressaltam que a neutralidade e o sigilo são pilares fundamentais, mas que o intérprete também deve estar atento para garantir que a equivalência cultural seja respeitada, evitando que conceitos biomédicos sejam mal compreendidos pela falta de correspondência na cultura visual do surdo.

Portanto, a mediação no contexto de saúde não é uma tarefa mecânica. Ela demanda do profissional um conhecimento prévio da área, sensibilidade para lidar com termos sensíveis e, acima de tudo, uma colaboração estreita com a comunidade surda para que a tradução seja, de fato, funcional e acessível.

No Brasil, a acessibilidade em Libras na área da saúde ocorre por diferentes meios, entre eles o uso de aplicativos de interpretação remota, como o ICOM, e o atendimento presencial por meio das Centrais de Interpretação de Libras (CIL). A atuação de intérpretes de Libras na saúde é essencial, mas nem sempre viável em todos os horários ou unidades de atendimento. Em contrapartida, tecnologias de mediação linguística têm se consolidado como solução complementar. o ICOM é um exemplo desse tipo de recurso. A plataforma oferece interpretação remota via videochamada, disponível 24 horas por dia, permitindo que pessoas surdas acessem serviços em hospitais, Unidades de Pronto Atendimento (UPA), farmácias e unidades básicas de saúde mesmo fora do horário comercial (ASSOCIAÇÃO AME, s.d.).

Além disso, a utilização de aplicativos, como o ICOM, tem colaborado para reduzir barreiras comunicacionais. No entanto, mesmo diante dos avanços tecnológicos, a presença do intérprete de Libras nos serviços de saúde ainda se mostra a alternativa mais eficaz, uma vez que, na realidade brasileira, muitos usuários não dispõem de internet móvel e smartphones. (Pontes et al., 2024).

No entanto, em muitos municípios ainda existe a CIL, cujo atendimento ocorre em horário limitado, auxiliando pessoas surdas, com deficiência auditiva e surdocegas em consultas agendadas, atendimentos na Unidade Básica de Saúde (UBS), hospitais, serviços públicos e em consultas particulares. Embora fundamental, essa limitação de horário evidencia a necessidade de ampliar o acesso à interpretação em saúde, sobretudo em períodos noturnos, madrugadas e fins de semana, quando os surdos permanecem mais vulneráveis às barreiras de comunicação.

No entanto, a proposta de utilização de QR Code associado a atendimento em Libras busca justamente minimizar essas barreiras. A partir da leitura do código por meio de dispositivos móveis, o usuário pode ser direcionado para um ambiente digital com vídeos em Libras ou até mesmo serviços de atendimento online, o que tende a tornar o acesso mais rápido e direto, reduzindo a necessidade de filas presenciais.

Entretanto, é importante destacar que a efetividade dessa solução depende de fatores externos, como a oferta de serviços digitais acessíveis por parte do poder público e o estabelecimento de parcerias com instituições e empresas. Quando tais parcerias não são implementadas, o acesso pode permanecer limitado, resultando em demora no atendimento e possíveis filas, mesmo que o recurso tecnológico esteja disponível.

Assim, compreende-se que a disponibilidade do serviço deve ser analisada de forma híbrida, envolvendo tanto o acesso via internet quanto às condições estruturais e institucionais que garantem ou dificultam o atendimento em Libras.

Tabela 2 – Diferenças entre o ICOM e a CIL

Aspectos	ICOM	CIL
Tipos de serviço	Aplicativo de interpretação por videochamada	Serviço presencial de intérprete
Funcionamento	24 horas (em alguns municípios e estados)	Horário comercial
Principal uso	Urgência e emergência (UPA, hospital Amor e HGP)	Consultas agendadas, UBS, HGP e repartições
Necessidade de internet	Sim	Não
Presença	Não	Sim
Disponibilidade	Internet	Depende de agendamento
Público atendido	Pessoas surdas e deficiências auditivas	Pessoas surdas, pessoas com deficiência auditiva e surdocegas

Fonte: Elaboração pela autora (2026).

A tradução na área da saúde tem conquistado novos espaços através das redes sociais, onde a produção de conteúdo em Libras oferece autonomia e acesso à informação de forma independente para a comunidade surda. Estes materiais, frequentemente resultantes de um processo de tradução e adaptação realizado por tradutores surdos, exemplificam como a mediação linguística digital pode democratizar o conhecimento técnico.

Um exemplo notável desta prática foi observado na atuação de uma adolescente surda na ASESP-SP que produziu conteúdos (reels) para o perfil @avemsonhar apresentar sobre menopausa e saúde feminina. Este tipo de tradução comunitária é essencial, pois traduz ciclos biológicos complexos para uma linguagem visual e identitária, permitindo que mulheres surdas compreendam as transformações do próprio corpo com privacidade e clareza.

Da mesma forma, o perfil @libras.e.saude apresenta-se como uma referência na tradução de temas de saúde pública. Durante campanhas como o Outubro Rosa e o Novembro Azul, o perfil disponibiliza vídeos que explicam os detalhes preventivos do câncer de mama e de próstata. Nestas produções, a tradução foca na eficácia da comunicação visual, garantindo que termos técnicos da medicina sejam compreendidos pela comunidade surda de forma plena, o que é vital para o diagnóstico precoce e para a segurança do paciente.

Outro caso de excelência na tradução feita por surdos é o perfil @medvetdeafs, dedicado à saúde animal. A tradução de conteúdos veterinários realizada por profissionais surdas neste canal é considerada impecável, demonstrando que a tradução em Libras alcança campos especializados com alta precisão terminológica. Estas iniciativas reforçam que a tradução, quando executada com o rigor do protagonismo surdo, transforma a informação que antes era restrita ao texto escrito em um conhecimento acessível e aplicável ao cotidiano da pessoa surda.

Ademais, destaca-se o perfil da fisioterapeuta surda Jorluzia (veja o perfil no Instagram @fisioterapia_jorluzia) cuja atuação digital exemplifica a eficácia da tradução especializada. Ao produzir conteúdos sobre Pilates e patologias complexas como AIDS, HIV, COVID-19 e Fibromialgia, ela demonstra que a tradução realizada por uma profissional surda da área da saúde elimina ambiguidades e fortalece a confiança da comunidade. Esse trabalho materializa orientações práticas que garantem à pessoa surda o acesso à informação de forma independente e segura, sem a dependência de intermediários ouvintes para a compreensão de sua condição clínica.

No canal do YouTube da TV INES do Instituto Nacional de Educação de Surdos são publicados com regularidade vídeos em Libras sobre aspectos relacionados à saúde na série “Saúde e Libras”³.

O Grupo de Estudo e Inovação em Língua Brasileira de Sinais - GEIL⁴, situado na Escola de Humanidades, Letras da PUCRS é um dos projetos visa a criação de um glossário bilíngue (Libras e Português) e digital em áreas como a ciência e também de saúde disponível como playlist no YouTube⁵. Outra iniciativa na mesma linha, sob coordenação do professor Dr. Carlos Henrique Rodrigues, do Departamento de Libras (DLSB), com o apoio do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) e da Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) elaborou uma série de vídeos sobre diferentes temas de saúde em Libras⁶ que estão disponíveis no [YouTube](#) do projeto e possuem legendas em português para atender também ao público com deficiência auditiva não sinalizante de Libras.

Oliveira et al. (2021) apresentam um glossários com tradução para Libras de 54 patologias, de AVC a Zika, disponível como e-book online e com QR-Code para os vídeos dos

³ <https://www.youtube.com/@tvines.official/search?query=sáude>

⁴ <https://www.youtube.com/@GEILLIBRAS>





⁵

<https://www.youtube.com/watch?v=hs5ik5I24jU&list=PLRaGPE5JDzrVNYhVJB5iFDEuyFGFEQhQn&index=2>

⁶ <https://librasesaude.paginas.ufsc.br/producoes/inicio/>

sinais no YouTube, incluindo variações regionais dos sinais, numa ficha terminográfica bastante elaborada.

Figura 4 - Ficha terminográfica “Labirintite”

35-LABIRINTITE		Número:35
Termo (ent.): LABIRINTITE		
Classe gramatical: substantivo	Categoria: Doenças do ouvido.	
Definição em português: s. f. Inflamação, pouco frequente, do labirinto, parte do ouvido interno; vulgarmente confundida com a síndrome de Menière. Resulta em perda de equilíbrio e em uma sensação de mal-estar e vertigem. (CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D., 2018, VOL. 5, p.227).		
Aplicação em frase: Ex.: Ele está com tontura, devido à labirintite.		
Figura 35- Na imagem esta Morais, SES (2021) apresentando o Sinal de LABIRINTITE.O Sinal 1 usado é em: SP, o 2 em RJ e o 3 em CE.		
1. 	2. 	
3. 	QR Code: 	
Fonte: Acervo pessoal		
Descrição Fonológica: Labirintite (1) Mão em L toca a ponta do polegar no ouvido, duas vezes, com expressão facial de náusea. Labirintite (2) Mão em L, palma para a esquerda, diante do rosto. Com os olhos fechados e a testa franzida, mover a cabeça e a mão rapidamente em círculos horizontais para esquerda (sentido anti-horário). Labirintite (3) Mão abertas, palma para frente, dedos indicador e polegar unidos pelas pontas na altura da cabeça. Com o olhar voltado para cima mover as mão alternada e lentamente em círculos verticais (mão esquerda para a direita, mão direita para esquerda).		
Etimologia do sinal: Nenhum registro foi encontrado referente à origem do sinal.		
Construção Terminológica: Empréstimo de letra inicial com classificador descritivo do sintoma da doença.		
Variação: Sim	Expressão facial: Sim	Expressão corporal: Não

Fonte: Oliveira et al. (2021), p. 51

Em suma, estes exemplos online e digitais demonstram que a tradução na área da saúde não é apenas uma ferramenta auxiliar, mas sim um recurso político e social que garante ao surdo o direito de aceder a informações vitais de forma independente e segura.

3 ASPECTOS E ABORDAGENS RELEVANTES NA TRADUÇÃO DE LIBRAS

3.1 Tradução Intermodal Português-Libras

De acordo com Rónai (2012), em latim, *traducere* é levar alguém pela mão para o outro lado, para outro lugar. O sujeito desse verbo é o tradutor, o objeto direto, o autor do original a quem o tradutor introduz num ambiente novo. Mas a imagem pode ser entendida também de outra maneira, considera-se que é ao leitor que o tradutor pega pela mão para levá-lo para outro meio linguístico que não o seu.

Nas palavras de Pagura (2015), o tradutor e o intérprete são profissionais que permitem que uma mensagem cruze a chamada barreira linguística entre duas comunidades, sendo comum usar a metáfora *ponte* para designar esses profissionais.

De acordo com a autora, o termo tradução se refere à conversão de um texto de uma língua para outra língua, texto este que está materializado na forma escrita, enquanto que o termo interpretação diz respeito à conversão de um discurso oral de uma língua para outra. Pontuando de maneira mais simples, isso nos diz que a tradução é escrita e a interpretação é oral. Nesse sentido, a interpretação é a conversão de um discurso oral, de uma língua de partida para uma língua de chegada.

De acordo com Torres (2017), o tradutor, ao realizar seu trabalho, transporta um conteúdo de uma cultura para outra, além de transitar por diferentes sistemas literários e culturais. Nesse processo, ele utiliza comentários ao redor do texto como uma estratégia para esclarecer significados e promover compreensão. Essa prática auxilia na interpretação do texto e faz parte do processo tradutório.

Dessa forma, torna-se necessário complementar essa base teórica com autores da área da linguística das línguas de sinais, como Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1995), os quais possibilitam compreender a estrutura gramatical da Libras enquanto língua natural, com organização própria nos níveis fonológico, morfológico e sintático

Segundo a autora, o comentário realizado pelo tradutor pode ser visto como uma prática preliminar à tradução, já que a tradução envolve comentários. Assim, tradução e comentário não são ações isoladas, mas sim intercambiáveis, compartilhando o objetivo de promover a interpretação. Torres (2017) afirma que o comentário explicita e teoriza de maneira clara o processo tradutório, os modelos de tradução adotados e as escolhas feitas pelos tradutores. Essa experiência evidenciou a importância do trabalho em grupo e do pertencimento surdo,

reforçando como a colaboração entre tradutores surdos contribui para traduções mais confiáveis, claras e acessíveis, alinhadas às estratégias da norma surda de tradução (Stone, 2009; 2011).

Os estudos de Roman Jakobson (1959) contribuíram significativamente para a compreensão das diferentes formas de tradução, classificando-as em três categorias: intralingual, interlingual e intersemiótica. Essa tipologia oferece uma base importante para refletir sobre os processos de tradução entre o português e a Libras, especialmente no contexto da área da saúde e da farmácia.

No caso da tradução intralingual, ocorre a reformulação de mensagens dentro da mesma língua, o que é fundamental para tornar compreensíveis os textos técnicos e científicos da área farmacêutica. Por exemplo, antes de traduzir uma bula ou instrução de uso para Libras, é necessário realizar uma adaptação intralingual do texto em português, substituindo termos técnicos por expressões mais acessíveis, de modo que a tradução posterior seja mais fiel e compreensível.

A tradução interlingual envolve a transposição do conteúdo do português para a Libras. Entretanto, como a Libras é uma língua de modalidade visual-espacial, essa tradução não se limita à equivalência entre palavras, mas requer reorganização sintática, adequação cultural e uso de recursos visuais.

A Tradução intersemiótica é que transforma signos verbais em outros sistemas semióticos, como gestos, imagens e expressões faciais, característica essencial da tradução para Libras. Nesse processo, o tradutor atua não apenas como mediador linguístico, mas também como criador de sentidos, utilizando o corpo e o espaço como meios de expressão e significação.

Nesse contexto, a norma surda de tradução, proposta por Segala (2010), amplia o entendimento sobre a tradução para Libras ao enfatizar que ela deve ser conduzida a partir das experiências e da cultura surda. Segala argumenta que o tradutor surdo ocupa um papel central no processo, pois compreende a forma como a comunidade surda constrói sentidos e interpreta o mundo por meio da visualidade. A autora destaca que a tradução, sob a perspectiva da norma surda, não é apenas uma passagem entre línguas, mas uma reconstrução de sentidos orientada pela epistemologia surda.

Aplicando esses conceitos à área da farmácia, observa-se que a tradução de bulas, rótulos e orientações de uso de medicamentos para Libras requer não apenas a tradução interlingual e intersemiótica, mas também a aplicação dos princípios da norma surda. Isso

garante que o conteúdo seja compreendido de maneira natural pela comunidade surda, respeitando sua forma própria de apreender o conhecimento. Assim, o trabalho do tradutor surdo torna-se essencial para assegurar acessibilidade linguística e segurança farmacológica, evitando mal-entendidos que possam comprometer o tratamento do paciente surdo.

A tradução entre o português e a Libras é caracterizada como uma tradução intermodal, pois ocorre entre duas modalidades linguísticas distintas: a oral-auditiva e a visual-espacial. Diferentemente da tradução entre duas línguas orais, que compartilham a mesma modalidade sonora, a tradução intermodal envolve a passagem de um código que se realiza pela fala e audição do Português para outro que se constrói por meio de sinais, expressões faciais e movimentos corporais Libras.

Segundo Quadros (2004), a tradução intermodal exige do tradutor conhecimentos não apenas linguísticos, mas também culturais e cognitivos, uma vez que a organização gramatical, a estrutura discursiva e os mecanismos de coesão e coerência são diferentes em cada modalidade. Na Libras, o espaço, o corpo e o olhar constituem elementos fundamentais de significação, e a tradução precisa respeitar essa natureza visual para que a mensagem seja compreendida de forma natural pela comunidade surda.

Complementando essa perspectiva, Quadros e Sousa (2008), no Capítulo 8 de Estudos Surdos III detalham que a tradução intermodal configura como um complexo processo de retextualização. Nessa prática, o tradutor assume uma função de tradutor ator em que a performance corporal não é um adereço, mas a própria base da construção do sentido. Diferente da tradução entre línguas orais, na passagem do português escrito para a Libras, o tradutor precisa realizar o texto, utilizando classificadores e o direcionamento do olhar para criar uma cena visual que substitua a linearidade da escrita.

Uma das estratégias centrais na tradução intermodal é o *Enactment* significa em português incorporação ou personificação. Segundo Quadros e Sousa (2008), isso ocorre quando o tradutor deixa de apenas sinalizar conceitos abstratos e passa a representar visualmente as ações e os personagens no espaço. Na área da saúde, o *enactment* é vital: ao traduzir sobre o uso de um medicamento via inalação, por exemplo, o tradutor-ator encena o movimento de levar o aparelho à boca e a respiração necessária, transformando a instrução técnica em uma imagem visual clara e direta.

No campo da saúde e especialmente na área farmacêutica, a tradução intermodal assume um papel essencial para garantir acessibilidade comunicacional e segurança no uso de medicamentos. As bulas, rótulos e prescrições médicas, originalmente redigidos em português,

contêm termos técnicos e instruções complexas que podem dificultar a compreensão por pessoas surdas. Traduzir esses conteúdos para Libras requer, portanto, um processo intermodal que preserve o sentido e, ao mesmo tempo, adapte a forma de comunicação à visualidade da língua de sinais.

A forma de tradução proposta por Segala (2010), contribui para aprimorar o processo intermodal, ao defender que a tradução para Libras deve ser realizada a partir das experiências e epistemologias da comunidade surda. Isso significa que a tradução não deve seguir apenas equivalências lexicais entre o português e a Libras, mas sim respeitar os modos próprios de expressão e compreensão do povo surdo, valorizando o protagonismo dos tradutores surdos nesse processo.

Segundo Quadros (2004), as produções voltadas à tradução ou interpretação envolvendo a Libras passaram por mudanças significativas no campo linguístico. Essas mudanças ocorreram, porque as pesquisas que tratam da tradução e interpretação, especialmente quando a Libras compõe o par linguístico com a Língua Portuguesa, passaram a se concentrar mais fortemente no campo dos Estudos da Tradução (Segala, Quadros, 2015).

Traduzir um texto da Libras, que é uma língua visual e espacial, para o português, que é uma língua oral e auditiva, é um processo que vai além da simples troca de palavras entre duas línguas diferentes. Esse tipo de tradução é considerado interlingual, ou seja, entre línguas distintas, mas também envolve elementos da tradução intersemiótica que lida com diferentes sistemas de signos, como do visual para o oral, e da tradução intermodal que ocorre entre diferentes modos de comunicação, como o gesto e a fala, conforme aponta Segala (2010).

De acordo com Segala (2010), a tradução entre línguas orais-auditivas e línguas de sinais tradução intermodal pode ser compreendida a partir de três eixos principais. O primeiro é o eixo das semelhanças com traduções entre línguas orais. Os sistemas que fazem a ponte entre línguas faladas e línguas sinalizadas costumam se basear em métodos já utilizados em traduções entre línguas as línguas faladas orais. Isso inclui o uso de princípios, estratégias e ferramentas semelhantes. O segundo é a divisão funcional do processo de tradução: esse tipo de tradução é composto por duas etapas complementares. A primeira consiste em converter a língua oral-auditiva (como o português falado) para uma forma escrita da língua de sinais. A segunda etapa envolve transformar essa escrita em sinais visuais compreensíveis para usuários da Libras, por meio da chamada “síntese de sinais”. Por fim, a importância do sistema de escrita da Libras: a dificuldade e a precisão da tradução estão diretamente ligadas ao tipo de sistema escolhido para representar a Libras por escrito. Quanto mais eficaz esse sistema for em captar

as características visuais e espaciais da língua de sinais, mais eficiente será a tradução. Em seguida, essas glosas são utilizadas como base para a síntese em Libras, ou seja, o programa transforma as glosas em sinais por meio de um avatar digital, é um personagem animado que realiza a sinalização. Essa gravação em Libras é então apresentada ao usuário, permitindo o acesso à informação de forma visual e acessível.

A FEBRAPILS (Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores, Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais) é uma entidade sem fins lucrativos que busca fortalecer a profissão de tradutores e intérpretes de Libras no Brasil, promovendo formação, regulamentação e valorização desses profissionais. Nesse contexto, a atuação dos tradutores surdos se destaca, pois eles trazem a experiência vivencial da língua e da cultura surda, assegurando traduções autênticas e fiéis. A norma surda, conforme proposta por Segala (2010), enfatiza que as traduções devem considerar as especificidades culturais e linguísticas da comunidade surda, reforçando o protagonismo desses profissionais no processo tradutório. Dessa forma, a FEBRAPILS reconhece e legitima o papel dos surdos como tradutores, consolidando sua importância para a acessibilidade e a inclusão linguística.

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta a língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal (STROBEL, 2008, p. 44).

Portanto, a tradução de informações farmacêuticas para Libras não é apenas uma questão de acessibilidade linguística, mas também de direitos humanos, pois assegura que a população surda tenha igualdade de condições no acesso à informação e, conseqüentemente, à saúde de qualidade.

3.2 Norma Surda de Tradução de acordo Christopher Stone

A proposta da norma surda de tradução foi desenvolvida por Stone (2009; 2011) a partir de estudos sobre tradutores surdos, com foco na tradução entre línguas de sinais e línguas orais. Segundo Stone, essas práticas de tradução não se limitam a uma adaptação mecânica da língua de origem, mas constituem uma norma compartilhada pela comunidade surda, baseada em convenções, escolhas linguísticas e estratégias que garantem clareza, naturalidade e legitimidade nos textos traduzidos.

Tabela 3 – Três princípios da norma surda

Centralidade da Libras	A tradução precisa priorizar a língua de chegada Libras, respeitando sua gramática, sintaxe e recursos próprios, e evitando estruturas artificiais como o português sinalizado.
Protagonismo surdo	Tradutores surdos têm papel ativo no processo tradutório, contribuindo com a experiência linguística e cultural para a legitimidade da tradução.
Acessibilidade comunicacional	A tradução deve ser clara e compreensível, buscando equivalência de sentido e não apenas correspondência lexical, assegurando que o conteúdo seja significativo para a comunidade surda.

Fonte: Elaborada pela autora com base em Stone (2009; 2011).

Stone (2009) destaca que tradutores surdos são mais confiáveis dentro da comunidade surda, não apenas linguística, mas também social e culturalmente. Essa confiança decorre do compartilhamento de experiências e do conhecimento das variantes de significação em Libras. Além disso, o autor aponta que a participação de tradutores surdos fortalece a circulação de informações, garantindo que os conteúdos sejam compreendidos e aceitos pelos usuários finais.

No presente estudo, a norma surda de Stone serve como referencial para análise das estratégias de tradução de conteúdos relacionados a medicamentos. A ênfase no pertencimento surdo, a preparação de glosas, a revisão comunitária e o cuidado com a clareza visual ilustram como a norma se aplica na prática, reforçando a acessibilidade linguística em saúde (Stone, 2009; 2011).

A aplicação prática da norma surda de tradução envolve estratégias que vão além da tradução literal, considerando a fluência linguística da Libras, a clareza visual e a adequação cultural. No contexto da área de saúde, essas estratégias se mostram essenciais para a compreensão de informações técnicas e orientações sobre medicamentos.

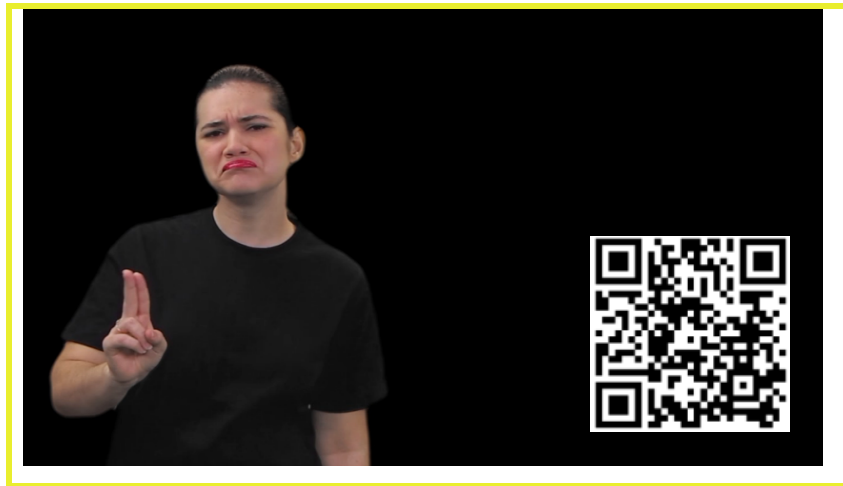
As principais estratégias incluem:

1. Preparação de glosas e roteiros prévios: os tradutores elaboram anotações simplificadas (glosas) que orientam a construção do discurso em Libras, evitando estruturas artificiais e respeitando a gramática da língua.

Nesse processo, também são consideradas as marcas não manuais como expressões faciais, direcionamento do olhar e movimentos corporais que desempenham papel fundamental na construção do sentido. Em frases interrogativas, por exemplo, a expressão facial é suficiente para indicar a pergunta, sem a necessidade de sinalizar literalmente palavras como “qual” ou “o que”.

Como exemplo, a frase em português “*Qual é o seu nome?*” não é traduzida em Libras de forma palavra por palavra. Em vez disso, utiliza-se o sinal de “nome” acompanhado de expressão facial interrogativa, o que já é suficiente para estabelecer o sentido da pergunta dentro da estrutura própria da língua.

Figura 5 - Libras (glosa): “Nome”?



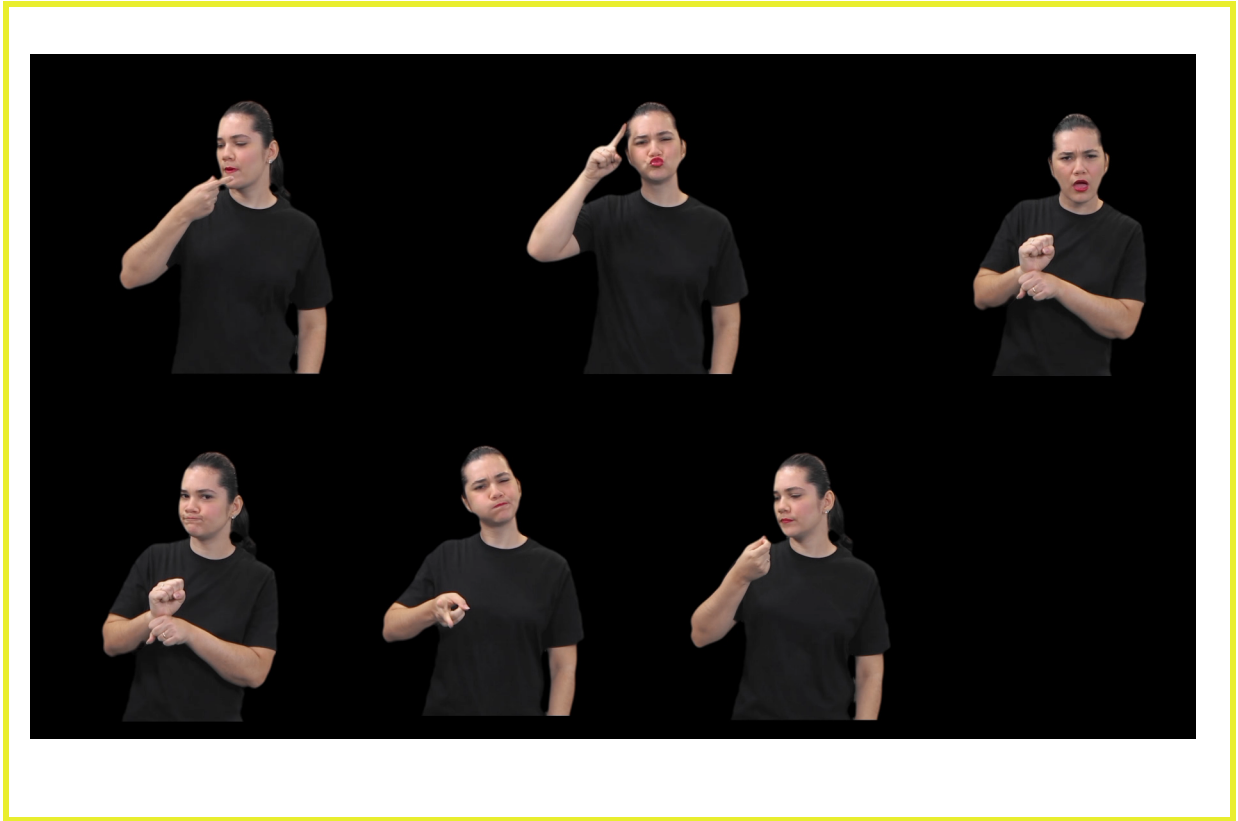
Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026)

2. Evitar o português sinalizado: conforme Stone (2009, 2011), reproduzir palavra por palavra a ordem do português compromete a naturalidade da Libras. A tradução deve reorganizar a estrutura para preservar sentido e fluência.
3. Adaptação cultural e contextualização: os tradutores surdos ajustam conceitos técnicos à compreensão da comunidade, usando metáforas visuais ou explicações adicionais.

Exemplo: Português: “medicação de uso contínuo”

Libras (glosa): “REMÉDIO, REMÉDIO, TODO-DIA, CONTINUAR, REMÉDIO, PARAR (EXPRESSÃO NÃO-PODE)”

Figura 6 - Gravação em Libras: “Medicação de uso contínuo”



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026)

4. Recursos visuais e espaciais: o uso do espaço de sinalização, classificadores e expressões faciais reforça o sentido das informações, como indicar “antes/depois” ou alertas sobre uso incorreto de medicamentos (Stone, 2009, 2011).
5. Avaliação e validação coletiva: a tradução é revisada por outros surdos, garantindo legitimidade, confiabilidade e compreensão do material final.

Tabela 4 - Estratégias de tradução de medicamentos para Libras

<ul style="list-style-type: none">● Preparação das frases e glosas;
<ul style="list-style-type: none">● Uso de Libras natural em lugar do português sinalizado;
<ul style="list-style-type: none">● Escolha de roupas e fundos neutros para gravações em vídeo, garantindo contraste visual;
<ul style="list-style-type: none">● Revisão comunitária com a participação de outros surdos.

Fonte: Elaborada pela autora da dissertação (2026)

Dessa forma, observa-se que a norma surda de tradução, conforme Stone (2009; 2011), não é apenas um referencial teórico, mas uma prática concreta que assegura acessibilidade comunicacional de qualidade, fortalece o protagonismo surdo e permite que informações críticas em saúde, como orientações sobre medicamentos, sejam compreendidas e aplicadas de forma segura pela comunidade surda.

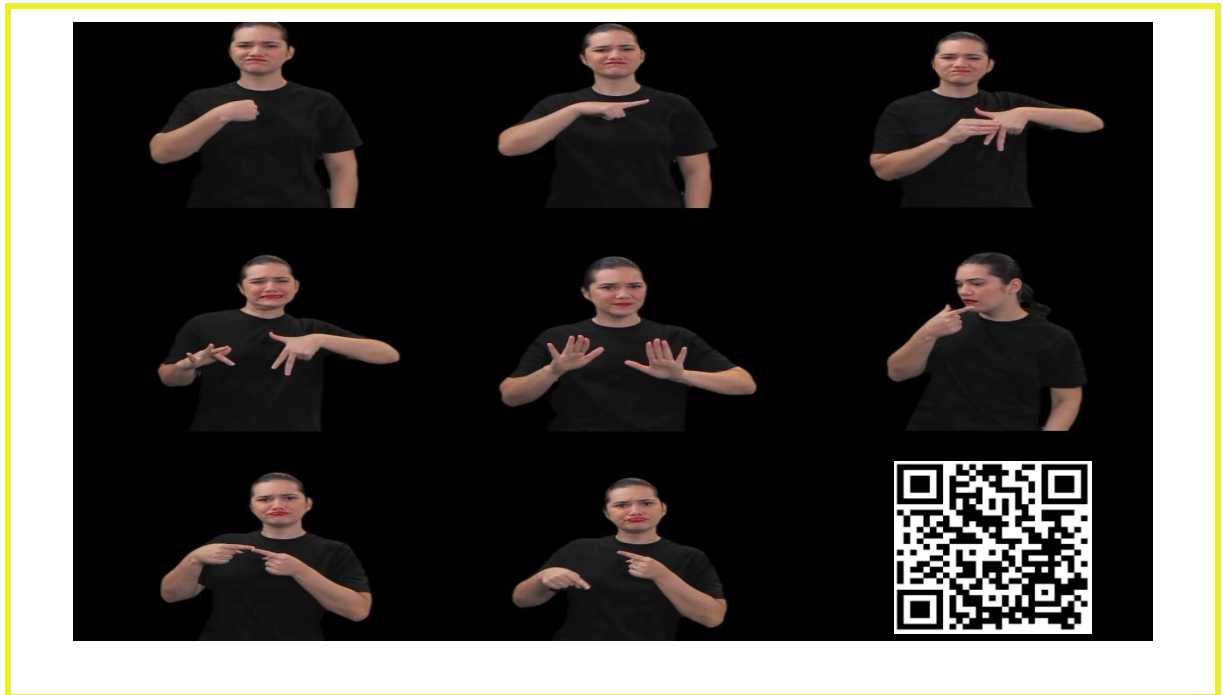
A seguir apresentam exemplos de frases traduzidas para Libras, ilustrando a aplicação das estratégias baseadas na norma surda de Stone (2009; 2011), com foco em mensagens simples e diretas sobre medicamentos:

Tabela 5 – Exemplos de frases traduzidas para Libras

Português	Glosa em Libras	Explicação / Estratégia
1) Tenho fibromialgia. Esse medicamento tem alguma contraindicação?	EU TENHO FIBRO (SINAL) + DOR MAS ESTE REMÉDIO CONTRAINDICAÇÃO 3X	Frase curta simples, verbo de ação inicial; sequência temporal clara
2) Eu tenho fibromialgia. Eu devo tomar este medicamento?	EU TENHO FIBRO (SINAL) + DOR MAS ESTE TOMAR+REMÉDIO PRECISA?	Ordem natural da Libras, verbo de ação no início; expressões faciais reforçam frequência
3) Siga a prescrição do médico corretamente.	VOCÊ SEGUIR MÉDICO CERTO 3X OBEDECER APONTAR RECEITA REMÉDIO	Foco em ação principal e autoridade; evita excesso de palavras

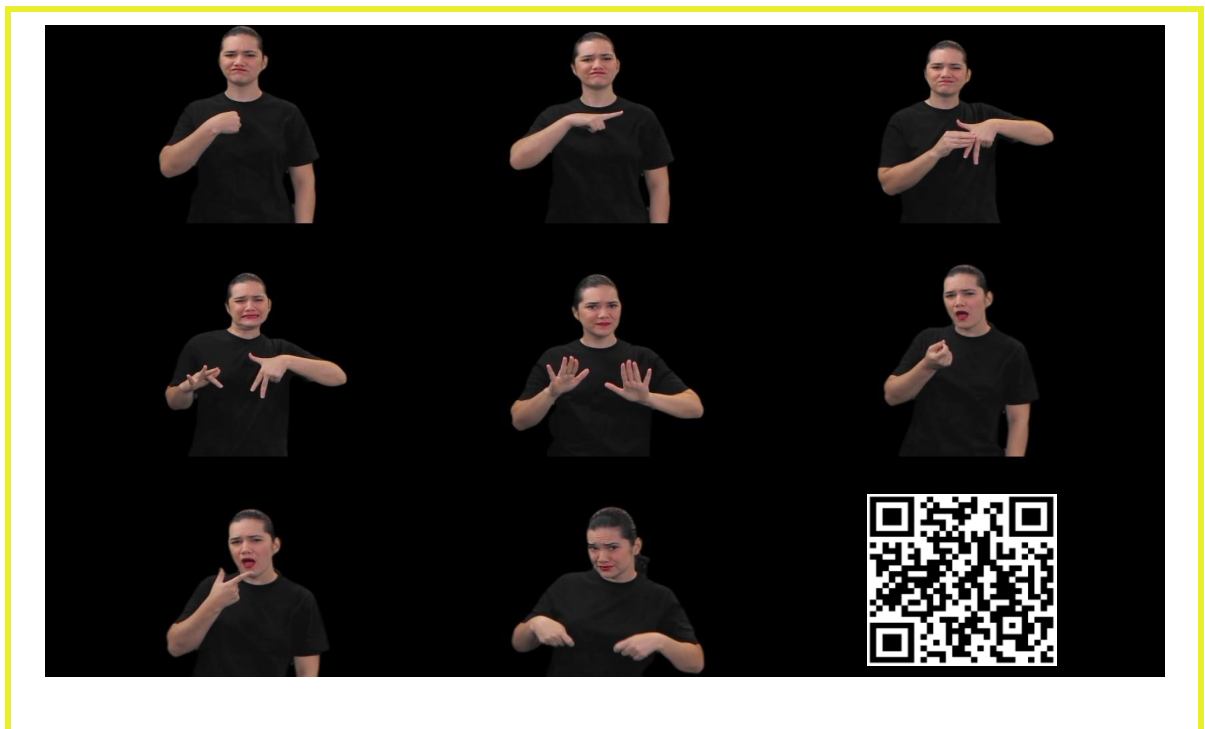
Fonte: Elaborada pela autora da dissertação (2026).

Figura 7 - Gravação em Libras: “Fibromialgia – contraindicação”



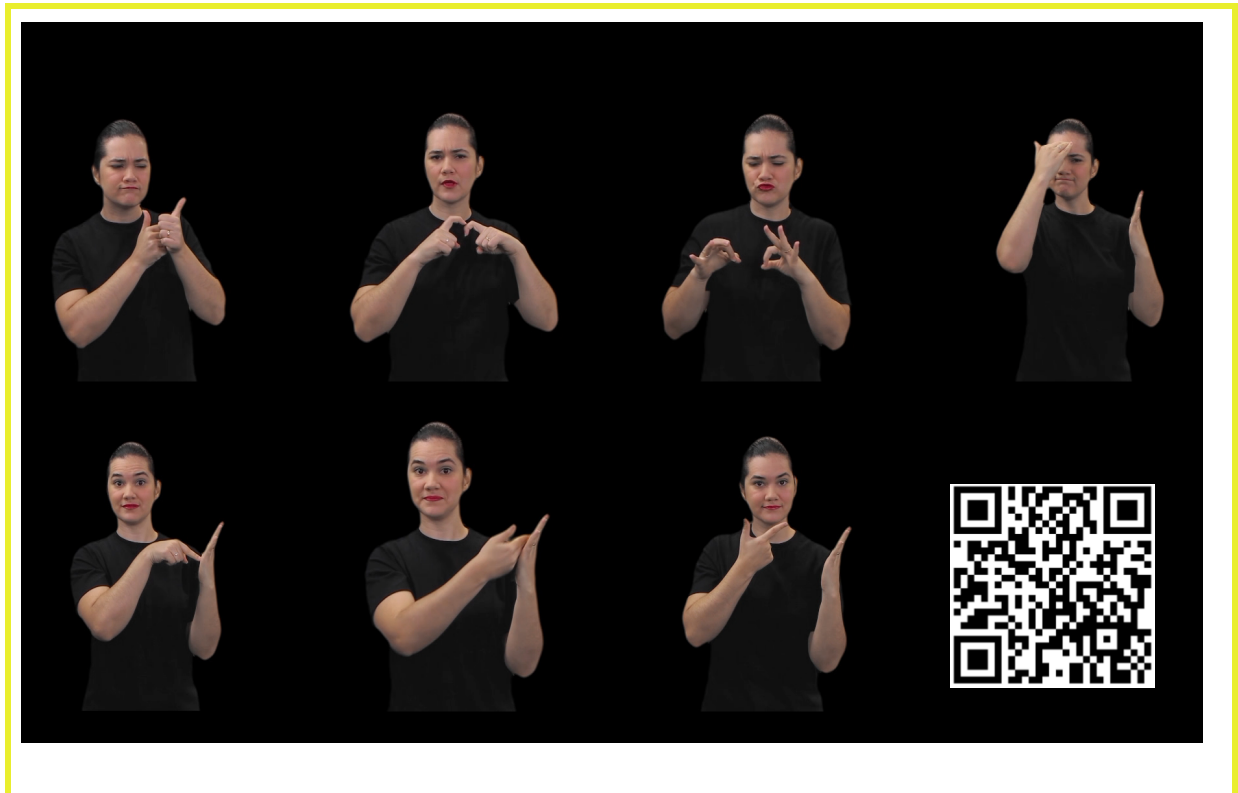
Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

Figura 8 - Gravação em Libras: “Fibromialgia”



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

Figura 9 - Gravação em Libras: “Siga a prescrição médica”



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

As frases foram cuidadosamente simplificadas a fim de facilitar a compreensão, preservando a gramática visual-espacial da Libras. As glosas desempenharam papel fundamental como roteiro durante a gravação em vídeo, assegurando que os sinais fossem transmitidos com clareza e precisão. Além disso, o uso de expressões faciais e classificadores permitiu reforçar informações críticas e destacar alertas de segurança, seguindo as recomendações da norma surda de tradução (Stone, 2009; 2011). A validação das traduções foi conduzida de maneira coletiva por outros tradutores surdos, garantindo a legitimidade, a confiabilidade e a adequação cultural do material final (Stone, 2009; 2011).

Krause (2017, p. 1) destaca que as mulheres surdas enfrentam diversas privações, em especial pela ausência de políticas públicas eficazes nas áreas da saúde, educação e trabalho, o que contribui para uma maior vulnerabilidade à violência. A pauta feminina é de grande relevância na sociedade atual e precisa contemplar, de forma específica, as mulheres surdas pertencentes a diferentes etnias. Enquanto o movimento feminista composto por ouvintes avança na defesa de direitos relacionados à saúde e segurança, as mulheres da comunidade surda não vivenciam os mesmos avanços, devido às limitações impostas pelas instituições

políticas. Essas barreiras dificultam a comunicação em língua de sinais é um direito linguístico fundamental. Apesar da legislação prever a disponibilização de tradutores e intérpretes de Libras nos órgãos públicos, a prática ainda é insuficiente.

A oferta de um atendimento humanizado às mulheres surdas na área da saúde se configura como um elemento fundamental de inclusão social. O acolhimento adequado à população surda nos serviços de saúde representa um critério essencial para garantir a qualidade no cuidado (Krause, 2024, p. 75).

O protagonismo surdo na área da saúde está diretamente relacionado à valorização dos saberes e experiências da comunidade surda, especialmente no que se refere à acessibilidade comunicacional e à construção de políticas públicas mais inclusivas. Segundo Perlin (2007), a identidade surda é fortalecida no contato com outros surdos e com a Libras, o que contribui para a construção de uma comunidade autônoma, com cultura e epistemologia próprias. Essa identidade, quando reconhecida nos espaços de saúde, permite que sujeitos surdos deixem de ser vistos apenas como pacientes e passem a ocupar também o papel de agentes de transformação social.

A ausência de acessibilidade, por outro lado, pode resultar em epistemicídio, conceito discutido por Rezende (2022), que denuncia a negação e exclusão sistemática dos saberes surdos nas políticas públicas, incluindo as de saúde. Essa exclusão compromete o direito à informação, ao cuidado e à autonomia, gerando barreiras no atendimento, sobretudo em contextos de privação linguística.

Em estudo de caso, Rezende, Stumpf e Souza (2024) analisam a história de Sônia, uma mulher negra surda, que viveu por décadas sem acesso à língua de sinais, sendo vítima de múltiplas formas de violência, inclusive no campo da saúde. As autoras destacam como a ausência de políticas de acolhimento e o apagamento da cultura surda colaboram para a perpetuação do epistemicídio.

A construção de epistemologias surdas, nesse sentido, torna-se essencial para superar os modelos medicalizantes e audiocêntricos. Ela propõe novos paradigmas para o cuidado em saúde, baseados no respeito à diferença linguística e cultural. Assim, o protagonismo surdo deve ser compreendido como uma ação coletiva que reivindica não só direitos linguísticos, mas também o reconhecimento dos saberes produzidos por e para surdos (Perlin, 2017; Rezende, 2022).

As políticas públicas em saúde no Brasil têm avançado no reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência, incluindo as pessoas surdas. No entanto, ainda persistem desafios

significativos quando se trata da efetiva participação da comunidade surda na formulação, implementação e avaliação dessas políticas. O protagonismo surdo, nesse contexto, envolve a presença ativa de sujeitos surdos como agentes políticos, produtores de conhecimento e defensores de seus próprios direitos.

A Lei nº 10.436/2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, e o Decreto nº 5.626/2005, que a regulamenta, representaram marca legais importantes para a acessibilidade linguística da população surda. No entanto, conforme apontam Chaveiro, Barbosa e Porto (2008), na área da saúde, a ausência de profissionais capacitados em Libras compromete a qualidade do atendimento e evidencia a necessidade de políticas públicas que considerem as especificidades da comunicação com surdos.

Rezende (2022) argumenta que políticas públicas formuladas sem a participação de sujeitos surdos geram epistemicídios, ao invisibilizarem saberes e experiências próprias dessa comunidade. Isso é especialmente crítico no campo da saúde, onde a privação linguística pode causar danos concretos, como a má compreensão de diagnósticos, uso incorreto de medicamentos e baixa adesão a tratamentos.

Dessa forma, políticas públicas eficazes devem ser construídas com base na escuta e no protagonismo da comunidade surda, garantindo espaços de fala e participação em conselhos de saúde, conferências e instâncias de decisão. Como destaca Perlin (2017), é preciso compreender os surdos não como objetos das políticas, mas como sujeitos políticos e culturais que produzem saberes e transformam realidades.

3.3 Estratégias de Tradução de Terminologia Farmacêutica para a Libras

A terminologia técnica em Libras ainda está em desenvolvimento em diversas áreas especializadas, dependendo da presença ativa de profissionais surdos para que novos sinais-termo surjam de forma natural. No campo farmacêutico, isso representa um sério obstáculo: bulas e embalagens de medicamentos são escritas em português para o público ouvinte, sem equivalentes acessíveis na língua da comunidade surda brasileira. Estudos recentes confirmam essa lacuna, indicando carência generalizada de materiais farmacêuticos em Libras e dificuldades frequentes dos usuários surdos na compreensão de orientações sobre medicamentos.

Diante desse cenário, a questão central não é aguardar a consolidação de sinais-termo específicos, mas identificar estratégias tradutórias capazes de veicular as informações

essenciais de saúde com clareza e respeito à Cultura Surda (MENDES, 2019; MENDES et al., 2022). Uma iniciativa concreta nessa direção é o programa FarmaLibras (Univasf/CFF), que resultou em um vocabulário terminográfico farmacêutico bilíngue Português-Libras e um aplicativo web de acesso gratuito, lançado em 2025.

A base teórica adotada é a tradutologia funcionalista de Christiane Nord (2016), segundo a qual o texto de chegada deve ser funcional e alcançar a intenção comunicativa do emissor junto ao público-alvo. Nord orienta o tradutor a analisar tanto os fatores extratextuais (emissor, intenção, público, meio, contexto) quanto os intratextuais (conteúdo, léxico, estrutura, pressuposições), descartando a tradução de termos isolados em favor da compreensão do texto em sua totalidade.

A perspectiva visual-cultural é igualmente central: conforme Strobel (2008), as experiências visuais precisam sempre acompanhar os textos dirigidos a surdos, independentemente do grau de conhecimento linguístico do receptor, pois as línguas de sinais têm estrutura visuoespacial e os surdos desenvolvem percepção visual aguçada. Essa dimensão é reforçada por Garcia (2009), que aponta o caráter visuoespacial das línguas de sinais como característica linguística determinante na construção do signo mental dos surdos.

Com base no funcionalismo de Nord, Mendes (2019) propõe um protocolo de várias etapas para a tradução de bulas e embalagens de medicamentos para a Libras: Análise conjunta do texto de partida e do texto de chegada que inclui: seleção dos termos obscuros para o público surdo; categorização das terminologias conforme a Cultura Surda; produção de versão intermediária (glosa em português com estrutura da Libras); tradução inicial e análise crítica por tradutores falantes nativos de Libras; retradução ou ajustes; filmagem; validação.

Esse protocolo posiciona tradutores e intérpretes surdos como agentes centrais, pois são os próprios surdos quem melhor internalizam sua cultura e podem garantir a adequação comunicativa do texto final.

Quando não existem sinais-termo convencionados para determinado conceito farmacêutico, as seguintes estratégias são recomendadas:

- Paráfrase: explicação livre e expandida do termo, sem tradução literal; preserva o sentido essencial sem exigir equivalente lexical (NORD, 2016; ROCHA, 2005)
- Visualização: uso de imagens que apoiam a construção do signo mental, essencial dada a natureza visuoespacial da Libras (STROBEL, 2008; GARCIA, 2009)

- Classificadores (CL) e Descrição Imagética (DI): recursos gramaticais próprios das línguas de sinais que permitem representar iconicamente formas, movimentos e relações espaciais
- Sinais gerais com contextualização: uso de sinais já existentes em Libras, ressignificados pelo contexto discursivo
- Exemplos concretos: ancoragem do conceito técnico em situações do cotidiano do público surdo
- Definição/explicação com legenda do termo: combinação de explicação sinalizada com apresentação escrita do termo em português, garantindo dupla referência

No cap. 5 será mostrado como essas estratégias foram aplicadas no trabalho prático pela equipe de tradutores surdos.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa (relato de experiência)

A primeira experiência refere-se à minha atuação como bolsista na UFT, contribuindo para a produção de materiais didáticos voltados ao ensino de Libras, por meio da realização de gravações audiovisuais em estúdio. As atividades envolveram a elaboração e a apresentação de conteúdos relacionados às áreas de educação, conscientização, saúde e artes, com foco na acessibilidade linguística para a comunidade surda. A equipe foi composta por três bolsistas surdos, incluindo a autora, o que fortaleceu o pertencimento e o protagonismo surdo no processo de produção dos materiais. Ressalta-se que os conteúdos desenvolvidos ainda não estão finalizados para publicação, encontrando-se em fase de andamento, com resultados parciais considerados relevantes.

Ressalta-se que a outra proposta foi publicada por meio do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação Bilíngue de Surdos e Ensino de Libras, vinculado à Universidade Federal do Tocantins, com apoio da Secretaria de Estado da Educação do Tocantins. Entre os produtos já publicados, destacam-se os Cadernos de Atividades de Libras destinados aos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), disponibilizados para acesso público.

Esses materiais consolidam a proposta de ensino de Libras como L1 para estudantes surdos e como L2 para ouvintes, estruturada a partir de princípios da educação linguística e organizada com base em gêneros discursivos, contemplando práticas de compreensão, produção e análise linguística da Libras. Dessa forma, a publicação representa um avanço significativo na sistematização de recursos didáticos voltados à educação bilíngue de surdos na Educação Básica.

Figura 10 - Material didático Ensino de Libras



Fonte: Acervo da autora (2026)

A segunda experiência baseia-se em um relato vivenciado durante minha participação nas atividades on-line do Programa FarmaLibras, no qual atuei de forma colaborativa na elaboração de textos adaptados para posterior tradução em Libras. Essa participação possibilitou contato direto com as metodologias empregadas no processo de adaptação de conteúdos técnicos da área farmacêutica, como orientações sobre o uso de medicamentos, direcionadas à acessibilidade linguística da comunidade surda.

Figura 11 - Uso certo: guia fácil sobre medicamentos



Fonte: Nunes; Pio e Weininger (2024).

Durante o primeiro semestre de 2024, participei de uma atividade prática de tradução de conteúdos relacionados ao uso correto de medicamentos para a Libras. O material produzido

tinha como objetivo disponibilizar informações acessíveis à comunidade surda, favorecendo o uso seguro e consciente de medicamentos e, conseqüentemente, a promoção da saúde.

Nesse processo, foram empregadas estratégias específicas para assegurar maior acessibilidade, como a utilização de roupas escuras e fundo neutro preto, de modo a garantir contraste adequado entre o corpo do sinalizador e o ambiente. Essa escolha visava reduzir distrações visuais e realçar os movimentos das mãos, braços e expressões faciais, elementos centrais para a compreensão da Libras. Além disso, facilita o acesso para pessoas surdas de baixa visão e surdocegas.

A experiência revelou a importância da preparação prévia das glosas, da escolha de sinais adequados e da valorização da norma surda no processo tradutório, evitando o português sinalizado. Tais cuidados foram essenciais para preservar a naturalidade da Libras e assegurar a clareza da mensagem, especialmente em conteúdos técnicos que envolvem termos da área da saúde e da farmácia.

Além disso, a atividade reforçou que a tradução acessível não deve ser pensada apenas como uma transposição linguística, mas como uma prática de mediação cultural que considera as especificidades da comunidade surda. Esse enfoque amplia a aplicabilidade da experiência deste trabalho para diferentes contextos da saúde, permitindo discutir estratégias tradutórias que podem ser replicadas em materiais educativos, campanhas de conscientização e orientações clínicas.

Desse modo, mais do que relatar a participação em um projeto específico, a análise contribui para evidenciar alguns procedimentos e estratégias importantes da tradução para Libras de textos técnicos, que podem ser transferidos para outras áreas, fortalecendo a acessibilidade comunicacional e o protagonismo surdo no campo da saúde e em outras áreas técnicas.

A consolidação da participação de pessoas surdas em projetos de tradução não ocorreu de forma imediata, tendo sido resultado de um processo gradual de negociação e reconhecimento da importância desse protagonismo surdo. Em iniciativas voltadas à acessibilidade na área da saúde, houve inicialmente resistência quanto à presença de tradutores surdos, pois muitas vezes se priorizava o trabalho de intérpretes ouvintes ou de estudantes em formação com base na priorização do texto de partida em português. Entretanto, teorias da área de Estudos da Tradução mais recentes, como o Funcionalismo Alemão (NORD, 1997, 2016) ou a abordagem de *Descriptive Translation Studies* (Toury, 1995) começaram a colocar mais foco no texto de chegada e a prática demonstrou que a inclusão efetiva de profissionais surdos

em todas as etapas da tradução e validação dos materiais mostraram que essa mudança de perspectiva também exigida por Stone com a Norma Surda constitui um princípio fundamental. Essa participação garante maior legitimidade linguística, fortalece a norma surda e contribui para a produção de conteúdos mais claros e culturalmente adequados à comunidade surda.

Essa prática não apenas garante a adequação cultural e linguística das informações, como também fortalece o protagonismo da comunidade surda dentro da área da saúde. Além disso, a atuação conjunta com profissionais da farmácia e intérpretes especializados assegura a precisão técnica necessária sem comprometer a clareza e a compreensão dos conteúdos traduzidos.

4.2 Autoetnografia

Este relato autoetnográfico tem como base minha vivência pessoal enquanto integrante da equipe de desenvolvimento, voltado à acessibilidade linguística em saúde para a comunidade surda. Minha participação ocorreu a convite da equipe de pesquisadores responsáveis pelo projeto, com o objetivo específico de colaborar na tradução e revisão das frases do aplicativo, bem como do conteúdo do vocabulário farmacêutico para Libras.

A experiência teve início com reuniões de alinhamento entre os profissionais envolvidos no projeto, nas quais foram definidas as diretrizes de tradução e os critérios para adaptação cultural e linguística das informações de saúde. Como os cinco surdos fluentes em Libras e com vivência nas questões de acessibilidade, pude contribuir ativamente para garantir que as frases tivessem clareza e fossem compreensíveis à comunidade surda, respeitando as particularidades da língua de sinais e evitando traduções literais que não fazem sentido no contexto visual-gestual da Libras.

Posteriormente, participei da etapa de gravação dos sinais no estúdio. O ambiente técnico foi adaptado para garantir a qualidade da imagem e da sinalização. Durante esse processo, foi fundamental o trabalho colaborativo entre intérpretes, revisores, profissionais da saúde e da tecnologia, assegurando a coerência entre o conteúdo técnico e a comunicação em Libras.

Essa vivência me permitiu refletir sobre meu lugar enquanto sujeito surdo dentro da produção de tecnologias acessíveis na área da saúde. Ao mesmo tempo em que participei tecnicamente da execução, também vivenciei as tensões e as potências de ocupar um espaço de protagonismo em um projeto que historicamente seria conduzido apenas por ouvintes. A auto-

etnografia, neste contexto, emerge como ferramenta metodológica capaz de valorizar o saber da pessoa surda não apenas como objeto da pesquisa, mas como produtora de conhecimento.

4.3 Categorias de Análise

A presente pesquisa adota como abordagem metodológica a auto-etnografia, permitindo que a experiência vivida como tradutora surda no projeto seja compreendida como fonte legítima de conhecimento. Com base no material empírico produzido durante a etapa de tradução do aplicativo e do vocabulário farmacêutico em Libras, foram identificadas categorias de análise que emergem tanto da prática profissional quanto da reflexão crítica sobre o processo de acessibilidade linguística e cultural.

A fase de tradução consistiu na adaptação dos termos técnicos da área farmacêutica da Língua Portuguesa para a Libras, respeitando as particularidades linguísticas e culturais da comunidade surda. Em seguida, foi realizada a gravação dos sinais em estúdio, com atenção aos parâmetros visuais da Libras, como configuração das mãos, movimento, expressão facial e localização espacial. Por fim, a equipe realizou a revisão dos vídeos gravados, a fim de assegurar a correção linguística, a clareza dos sinais e a coerência com os objetivos educacionais e comunicacionais do projeto.

Além disso, nove integrantes da equipe do programa participaram ativamente de todas as etapas de produção do material, incluindo a tradução, a gravação e a revisão dos verbetes que compõem o Volume I do Vocabulário Terminográfico Farmacêutico Bilíngue (Português–Libras), composto por 103 termos acompanhados de seus respectivos verbetes. O material encontra-se organizado em quatro categorias temáticas: (1) conceitos fundamentais da área farmacêutica; (2) informações presentes na bula de medicamentos; (3) fitoterapia; e (4) classes terapêuticas (NUNES; PALHANO, 2025).

Figura 12- Ebook Vocabulário farmacêutico bilíngue



Fonte: Nunes e Palhano (2025)

A produção do vocabulário envolveu a adaptação linguística e conceitual dos termos para a Libras, considerando aspectos semânticos, visuais e culturais da comunidade surda, bem como a compreensibilidade clara para pessoas surdas com diferentes graus de letramento em Libras. Na versão em Libras, cada termo é apresentado por meio do sinal correspondente, de sua definição e de um exemplo de uso em contexto frasal, registrado em formato de vídeo. Ressalta-se que a autora, enquanto pessoa surda, participou ativamente do processo de tradução e gravação dos vídeos, contribuindo com sua experiência linguística e cultural para a construção dos sinais e para a adequação dos conteúdos técnicos farmacêuticos à Libras (NUNES; PALHANO, 2025).

Na versão em língua portuguesa, os verbetes são estruturados a partir do nome do termo, de tradução para o inglês, da classe gramatical, de sinônimos, da definição conceitual e de um exemplo de aplicação em frase, possibilitando o diálogo entre as duas línguas e favorecendo a acessibilidade informacional no campo da saúde.

5 RESULTADOS

5.1 Tradutores surdos

Os participantes deste estudo integram um grupo de tradução composto por cinco surdos da área de Linguísticas e Farmacêuticas, cuja atuação se concentra na adaptação de informações técnicas da área da saúde para a Libras. Esse grupo se insere em iniciativas mais amplas de acessibilidade no campo farmacêutico, as quais buscam promover a comunicação entre profissionais da saúde e a comunidade surda.

Assim, mais do que descrever uma experiência institucional, a análise evidencia a relevância do protagonismo surdo na tradução, demonstrando como esse envolvimento direto fortalece a acessibilidade comunicacional e contribui para a qualidade do cuidado em saúde em Libras.

Os participantes do projeto envolvem profissionais de diferentes áreas: farmacêuticos, professores, pesquisadores, intérpretes e tradutores de Libras (surdos e ouvintes), além de desenvolvedores de tecnologia. Cada um contribuiu em etapas específicas, como a produção e revisão do conteúdo técnico, tradução e gravação dos sinais em estúdio, validação linguística e adaptação visual para garantir acessibilidade a diferentes públicos, inclusive surdocegos.

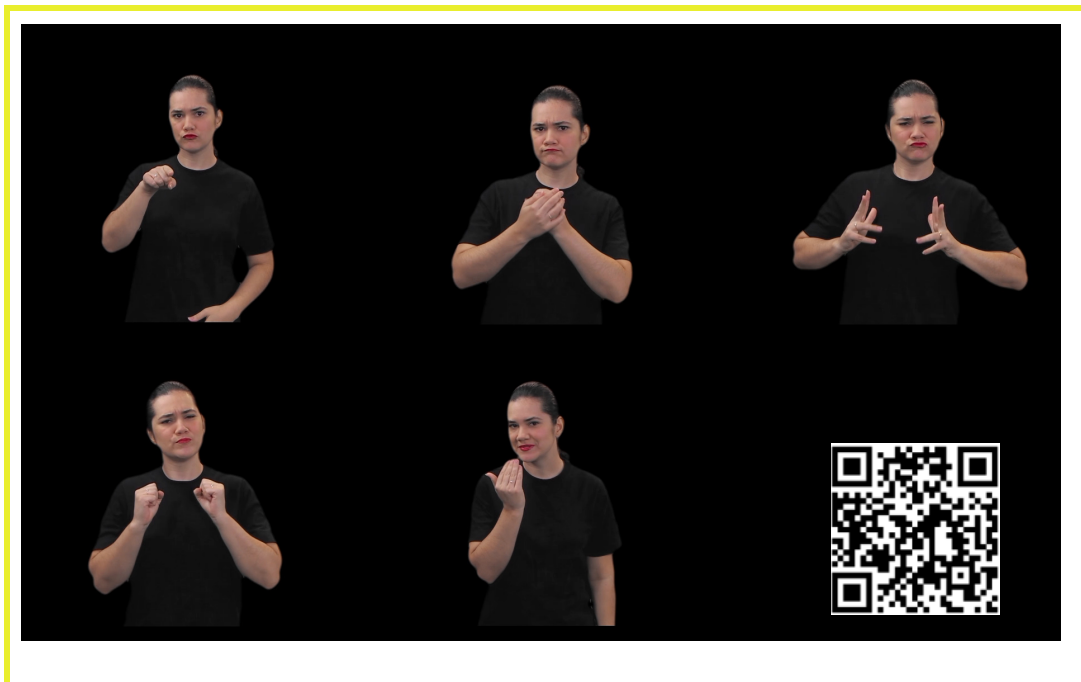
Na área da saúde e da farmácia, a acessibilidade linguística é fundamental para garantir a compreensão adequada sobre diagnósticos, tratamentos e, especialmente, o uso correto de medicamentos. Nesse processo, o ouvinte lê a informação técnica (como bulas ou prescrições), sinaliza em Libras, e os surdos visualizam, interpretam e “adaptam” de acordo com as normas surdas.

Exemplo:

Texto em português: Lave as mãos antes de comer.

Glosa em Libras: VOCÊ LAVAR MÃOS LIMPA JÁ
(EXPRESSÃO+CABEÇA), PODE COMER

Figura 13 - Libras: “Lave as mãos antes de comer”



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

A preparação de glosas é uma etapa importante, pois permite pensar previamente nos sinais mais adequados para os conceitos técnicos da área farmacêutica. Essa etapa ajuda a garantir coerência na tradução.

Exemplo:

Texto em português: Use o colírio de manhã e à noite.

Glosa em Libras: GOTAS+OLHO CADA MANHÃ, TAMBÉM GOTA+OLHO CADA NOITE TODO DIA GOTA+OLHO

Figura 14 - Libras: “Colírio - manhã e noite.”



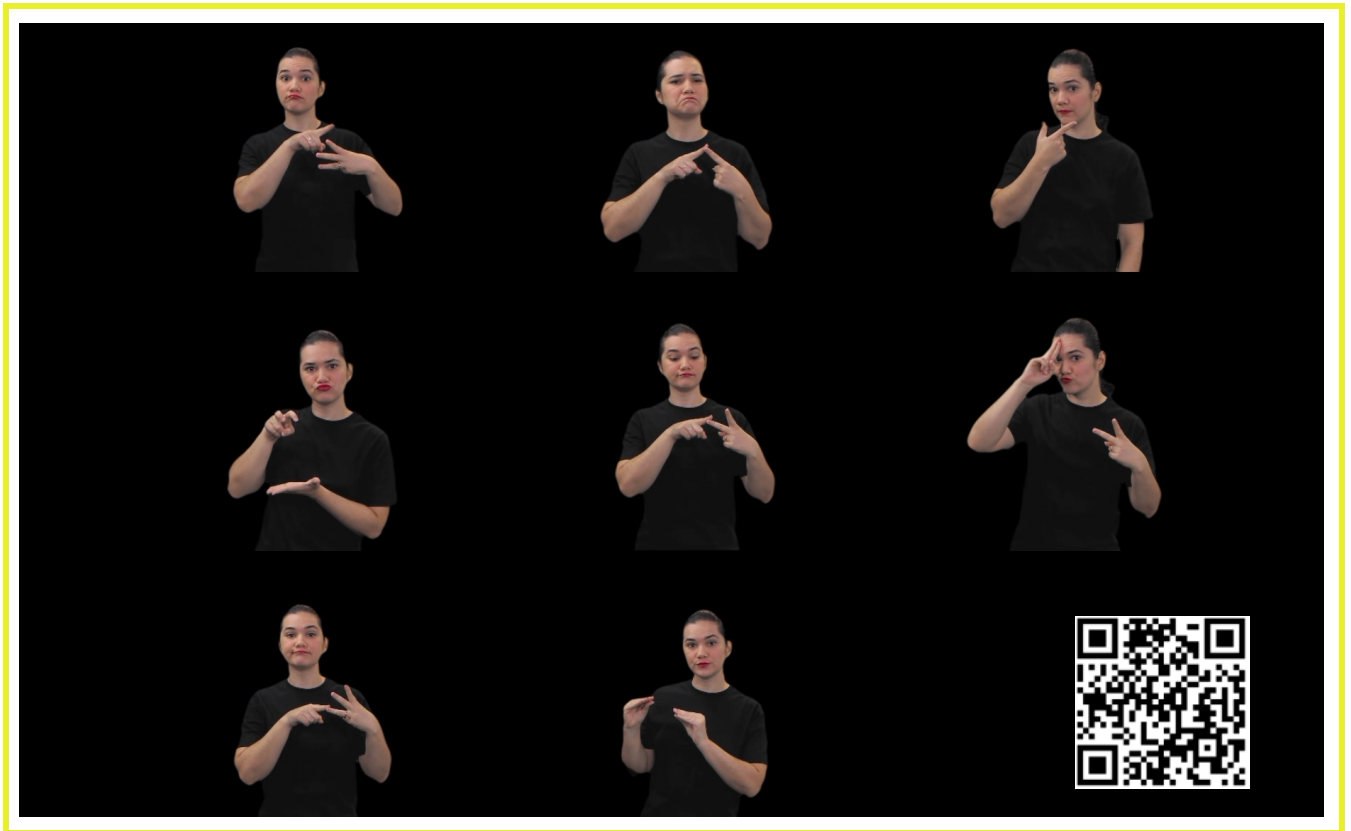
Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

Exemplo:

Texto em português: Tome o remédio três vezes ao dia.

Glosa em Libras: 3 DIA TODO TOMAR+REMÉDIO 1° TOMAR+REMÉDIO MANHÃ,
2° TOMAR+REMÉDIO MEIO-DIA, 3° TOMA+REMÉDIO NOITE

Figura 15 - Libras: “Tomar 3x ao dia.”



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

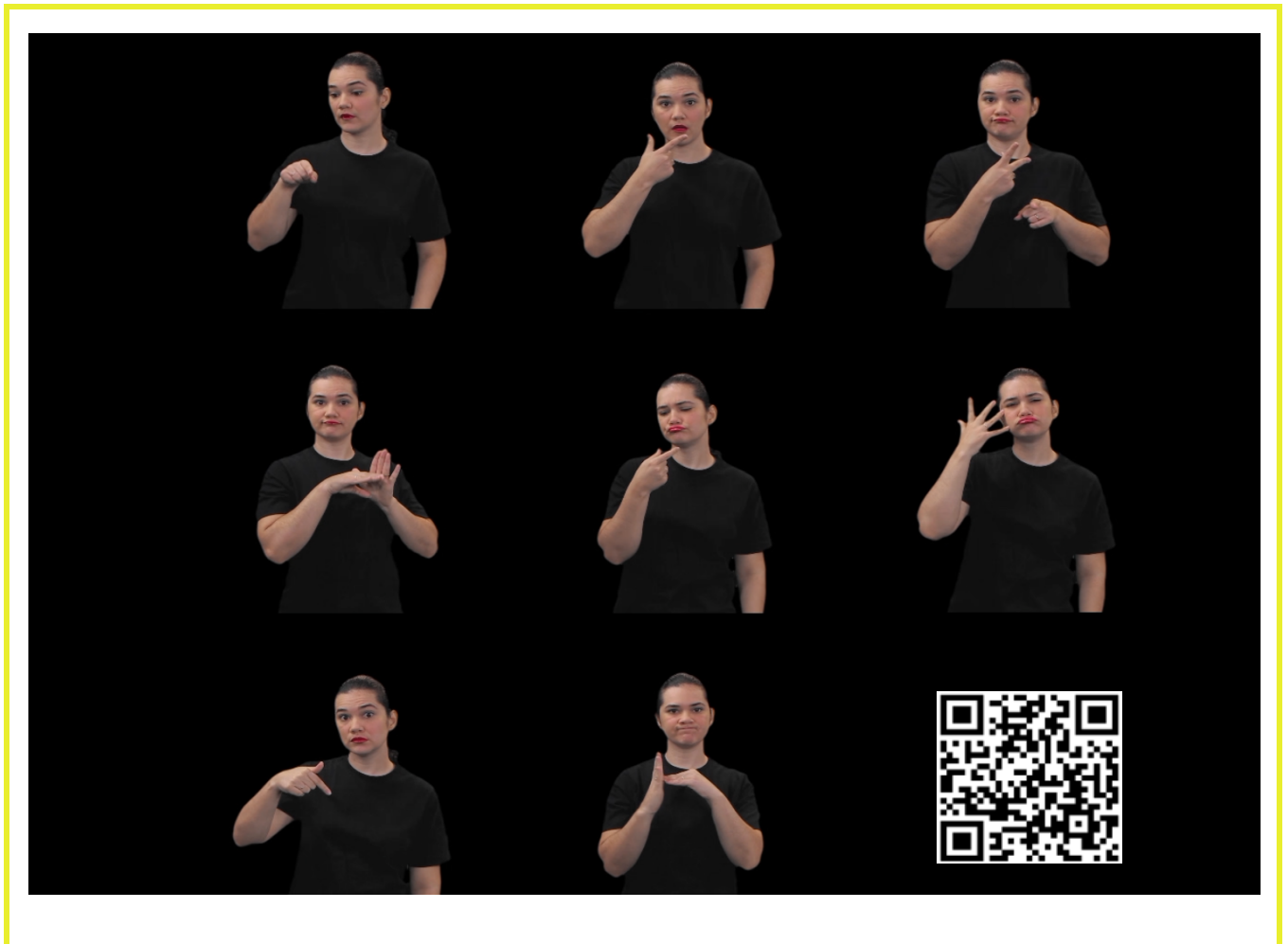
É essencial evitar o português sinalizado, que copia a ordem do português, e priorizar a norma surda da Libras. A tradução deve respeitar a estrutura linguística da Libras, valorizando a clareza e a compreensão cultural da comunidade surda.

Exemplo:

Texto em português: O antibiótico deve ser usado por sete dias.

Glosa em Libras: **REMÉDIO+VENCER+BACTÉRIA TOMAR DURAR SETE-DIA**

Figura 16 - Libras: “Antibiótico por 7 dias”



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

5.2 Estudo do material na língua fonte (português)

O primeiro passo do processo tradutório envolveu a leitura e análise cuidadosa do material em língua portuguesa, eu e a Farmacêutica Surda fizemos a primeira tradução. Em uma segunda fase, alguns intérpretes ouvintes e CODAs entraram em ação com sugestões amparadas pelo apoio técnico farmacêutico e tradutório. Em terceiro momento, o conteúdo era apresentado à equipe de tradutores surdos, que avaliava o texto buscando compreender sua estrutura, identificar possíveis ambiguidades e esclarecer pontos que poderiam dificultar o entendimento do público surdo que acessaram a plataforma.

Além disso, o processo de estudo do material foi influenciado pelos prazos definidos para cada etapa. Em alguns momentos, o período disponível para análise era de apenas três dias,

o que dificultava a finalização completa das traduções. Diante dessa limitação, tornou-se necessário reorganizar o trabalho de forma mais calma e colaborativa, promovendo reuniões entre a equipe ouvinte e os tradutores surdos para discutir o conteúdo, esclarecer dúvidas e alinhar decisões linguísticas.

Nos meses seguintes, após a ampliação do prazo para uma semana, foi possível realizar um estudo mais aprofundado do material e desenvolver um processo mais estruturado de preparação. Com esse tempo adicional, a equipe conseguiu treinar conjuntamente a tradução de textos, frases e termos específicos da área da Farmácia, garantindo maior precisão nas escolhas linguísticas e maior naturalidade na Libras. Essa etapa de preparação colaborativa foi essencial para assegurar consistência no uso dos sinais e na construção das explicações necessárias para a compreensão fácil e clara do público surdo.

5.3 Produção das glosas e preparação da filmagem

Equipe de farmacêuticos que criou os textos de significado e exemplos em português. Validaram os verbetes em português antes de iniciar o trabalho de tradução. Após a análise do material em português, iniciou-se a fase de elaboração das glosas, registradas em notebook, tablet ou celular, que funcionam como um roteiro inicial para orientar a sinalização em Libras. Essa etapa incluiu a revisão das glosas, o treino dos sinais e a memorização das estruturas, permitindo a organização do discurso de forma visual-espacial. O uso das glosas facilitou a previsão das expressões faciais, dos classificadores, dos movimentos corporais e da disposição dos sinais no espaço, garantindo maior fluidez na etapa de gravação. Em seguida, o roteiro final era enviado para o teleprompter, que auxiliava no processo de filmagem. Minha participação como tradutora surda, juntamente com outros tradutores surdos da equipe, foi fundamental para assegurar que as glosas refletissem a gramática natural da Libras. As decisões linguísticas buscaram evitar sempre o português sinalizado ou o uso de neologismos criados ad hoc em Libras, que provavelmente não seriam compreendidos pelo público alvo, e seguiram princípios centrais da norma surda, como naturalidade, clareza visual, precisão semântica e protagonismo surdo no processo tradutório.

A preparação para a filmagem também exigiu cuidados metodológicos importantes, como o uso de roupas escuras, iluminação adequada e fundo neutro preto, de modo a favorecer o contraste visual para a sinalização em Libras. Esses aspectos técnicos garantem que pessoas surdas consigam perceber detalhadamente os movimentos das mãos, braços, tronco e

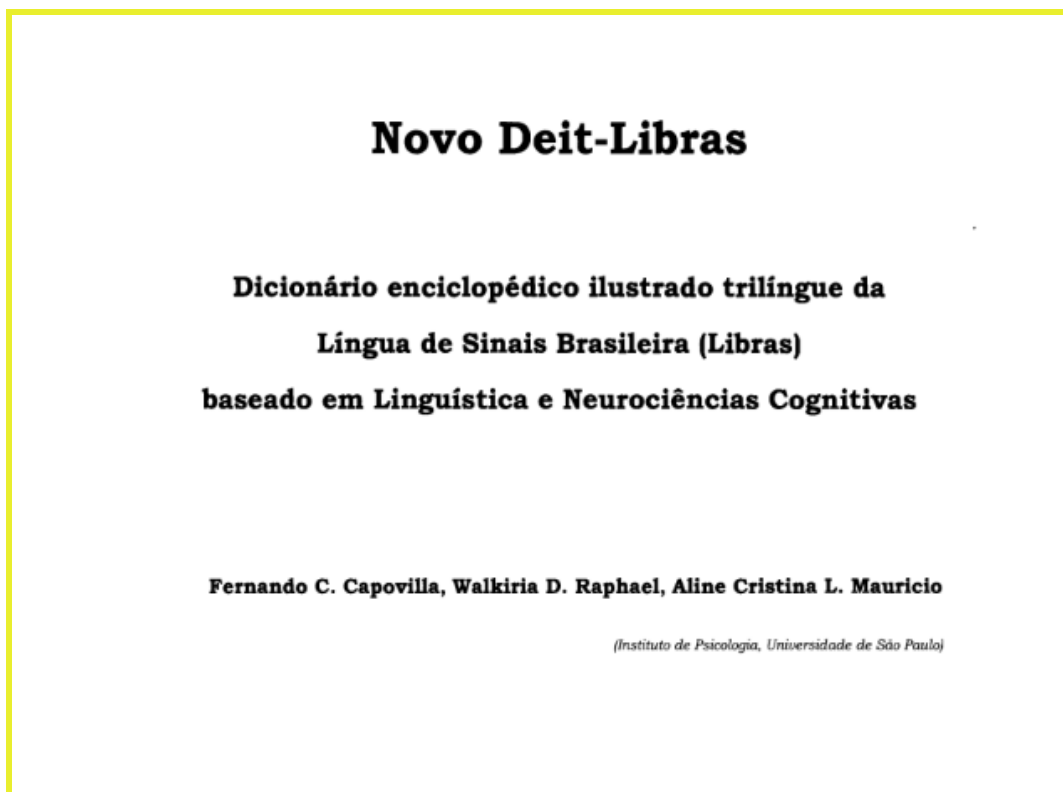
expressões faciais e elementos indispensáveis para a compreensão plena de conteúdos complexos da área da saúde.

5.4 Criação de sinais-termo

Com base na Cartilha de Libras em Medicina e Saúde, em primeira edição, elaborada por Capovilla, Raphael e Mauricio (2009), selecionaram-se TRÊS sinais para análise segundo estes parâmetros: importância da leitura visual, explicação do conceito e descrição do sinal-termo.

Os sinais apresentados foram: REMÉDIO, REMÉDIO+FARMÁCIA, HOSPITAL.

Figura 17 - Capa Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Libras



Fonte: Capovilla; Raphael e Maurício (2009 p.1).

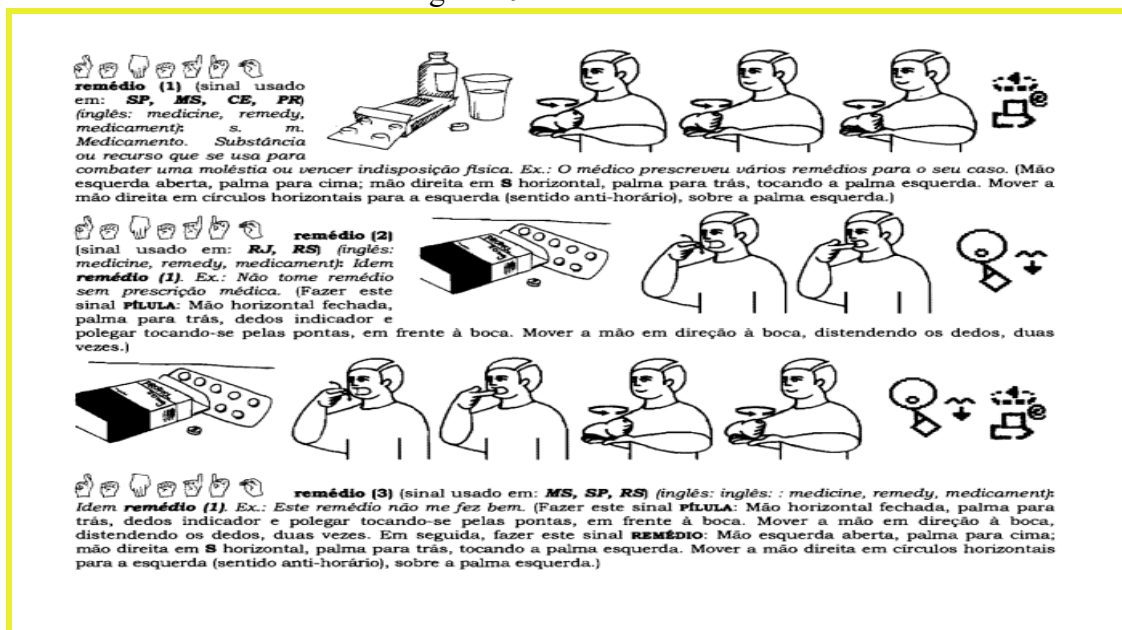
Apresenta-se, a seguir, a capa da Cartilha de Libras em Medicina e Saúde, publicada em segunda edição por Capovilla e Raphael (2022):

Figura 18 - Capa Cartilha de Libras em Medicina e Saúde



Fonte: Capovilla e Raphael (2022 p.1).

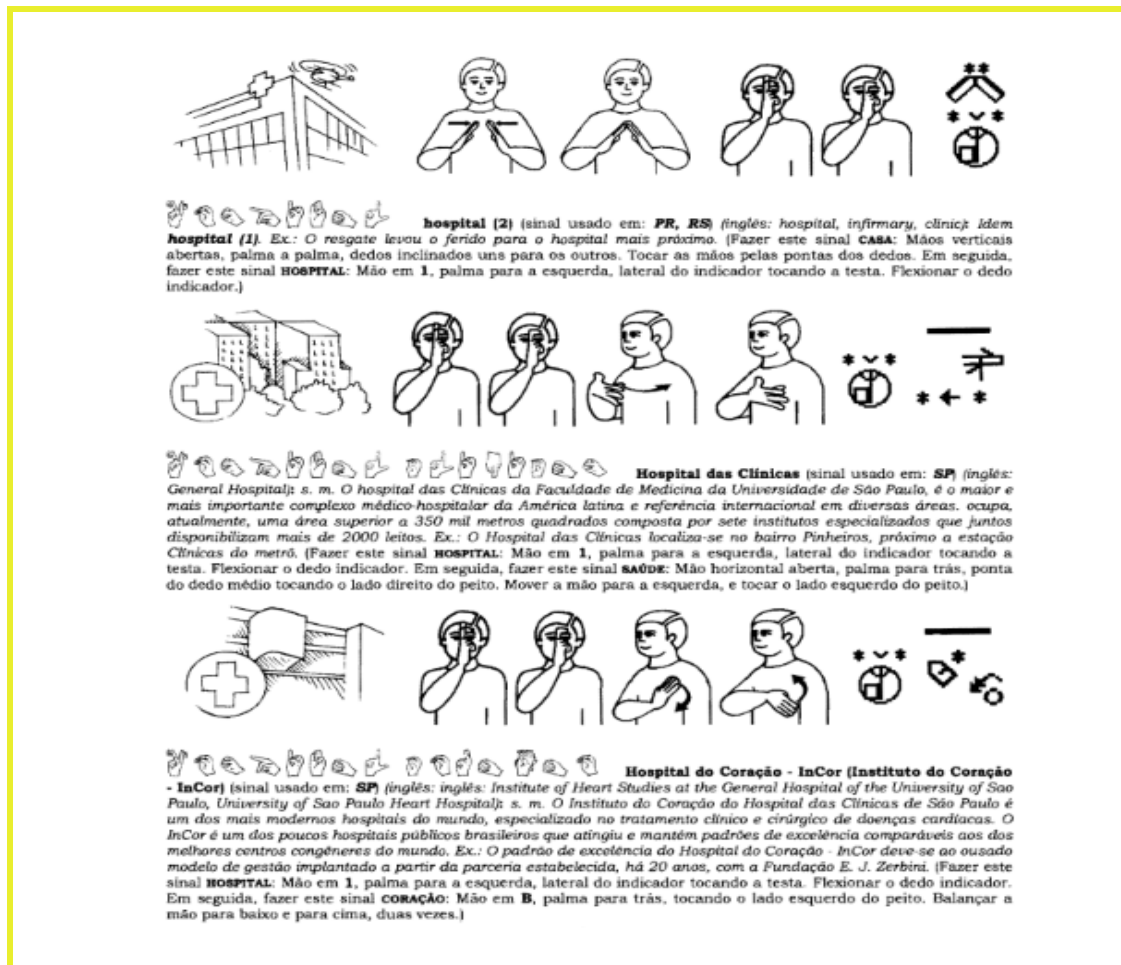
Figura 19 - Sinal termo de Remédio



Fonte: Capovilla e Raphael (2009 p.1914).

A figura evidencia que o sinal para remédio em Libras apresenta variações regionais, porém mantém uma representação icônica diretamente relacionada ao ato de ingestão do medicamento. As diferentes configurações de mão e movimentos indicam o conceito de medicamento a partir da simulação de sua administração oral. Além disso, o material demonstra que o sinal é amplamente utilizado em distintos estados brasileiros, ainda que com pequenas adaptações na forma de execução, o que evidencia a diversidade linguística da Libras no campo da saúde (CAPOVILLA; RAPHAEL; 2009 p.1914).

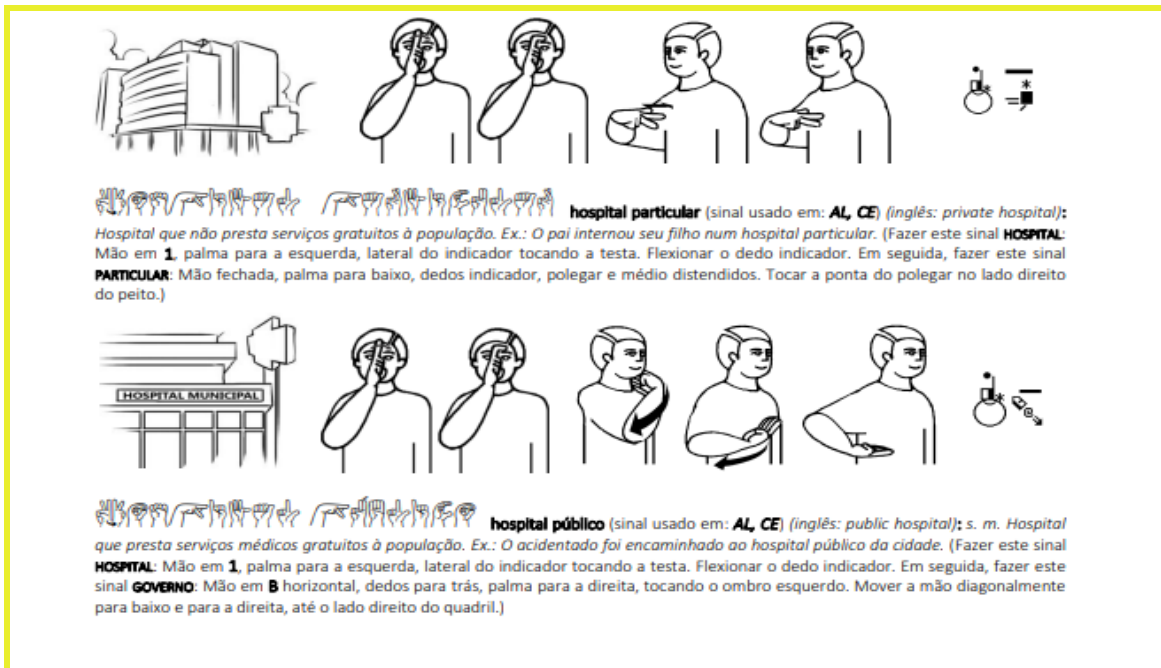
Figura 20 - Sinal termo de Hospital



Fonte: Capovilla e Raphael (2009 p. 1216; 1217).

A análise da figura evidencia a presença de sinais em Libras para hospital e para instituições hospitalares específicas, como o Hospital das Clínicas e o Hospital do Coração. As representações sinalizadas destacam a localização, a função institucional e, em alguns casos, a especialização do serviço em saúde. No entanto, observa-se a inexistência de um sinal específico para farmácia hospitalar, bem como para o profissional farmacêutico no contexto clínico-hospitalar.

Figura 21 - Sinal termo de Hospital Privado e Público



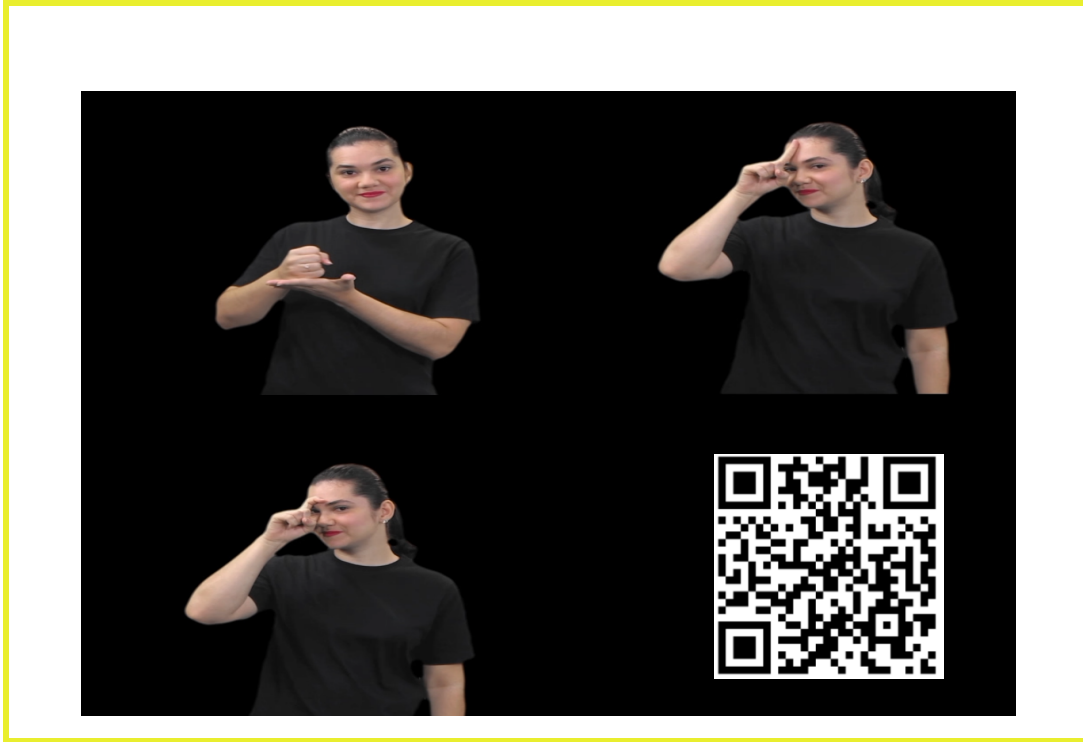
Fonte: Capovilla & Raphael (2022 p.9)

Ao analisar a Cartilha de Libras em Medicina e Saúde em segunda edição (Capovilla & Raphael, 2022), percebe-se que há o registro apenas de sinais relacionados ao hospital e a algumas áreas e instituições clínicas específicas, como hospital particular, hospital público. Entretanto, constatou-se a ausência de sinais para termos fundamentais no campo da farmácia, como farmacêutico.

Constata-se que é utilizado apenas um sinal para representar tanto remédio quanto farmácia, sem que haja a distinção de um sinal voltado especificamente ao profissional farmacêutico. Ademais, determinados termos da área clínica não possuem sinais próprios, a exemplo de farmácia hospitalar, farmacêutico e farmácia comunitária.

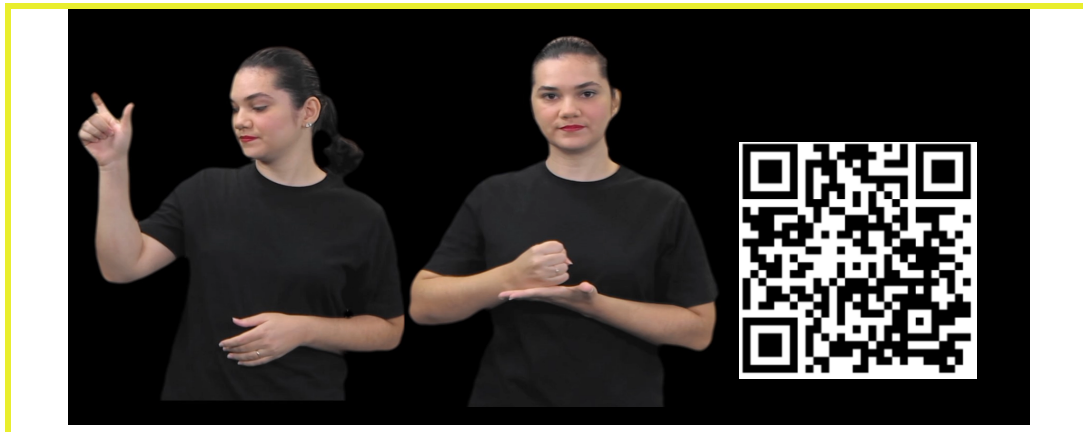
Além disso, por ser uma pesquisadora surda e farmacêutica, considera-se mais relevante a apresentação dos sinais-termos em formato de gravação em Libras. Diante da inexistência desses registros, apresenta-se, a seguir, uma proposta de como poderia ser realizado o registro desses sinais-termos em Libras:

Figura 22 – Sinal termo de Farmácia Hospitalar em Libras



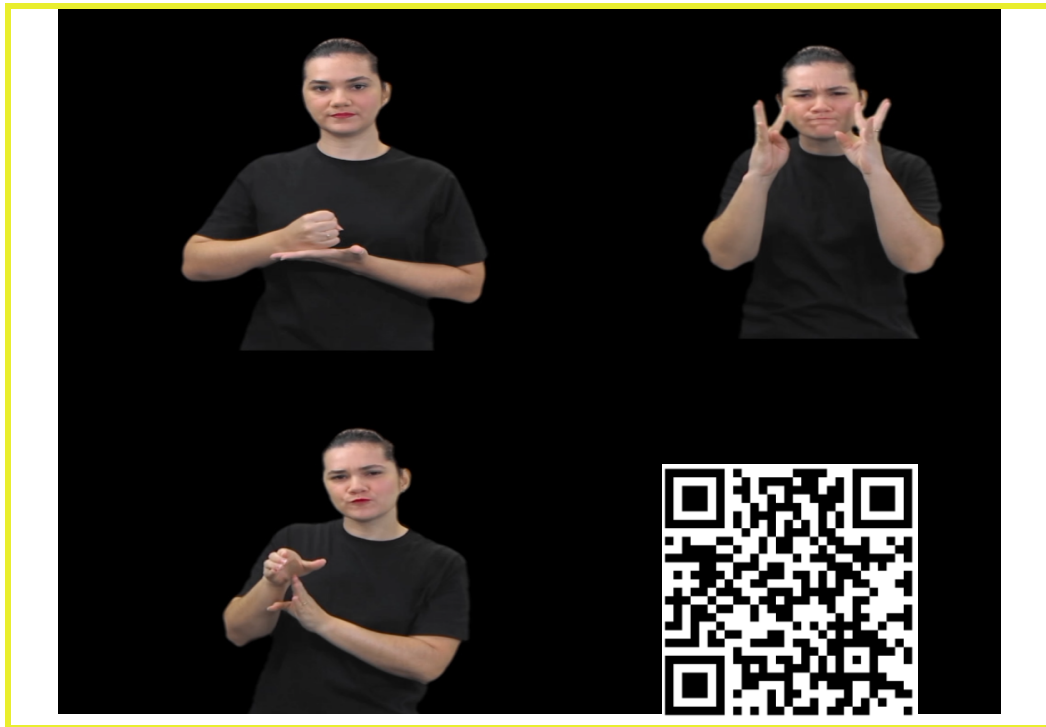
Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

Figura 23 – Sinal termo de Profissional Farmacêutico em Libras



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

Figura 24 – Sinal termo de Farmácia Comunitária em Libras



Fonte: Elaborada pela autora a partir de imagens do YouTube (2026).

Esta etapa está diretamente relacionada aos princípios da Norma Surda, pois é nela que ocorre a criação e consolidação de um novo vocabulário técnico em Libras para a área da Farmácia. A criação dos sinais-termo foi realizada a partir de encontros e discussões com pessoas surdas e estudantes da área da saúde como Fisioterapia, Odontologia, Farmácia e Técnico em Enfermagem que contribuíram com diferentes percepções e experiências sobre o uso da língua em contextos clínicos. Durante as reuniões, foram analisados os elementos linguísticos e visuais necessários para a construção dos sinais, considerando aspectos como: forma do medicamento, modo de uso, função terapêutica e possíveis riscos. Esses critérios guiaram o processo de criação de sinais-termo que fossem coerentes com a lógica visual da Libras e, ao mesmo tempo, acessíveis para diferentes perfis de usuários surdos.

5.5 Estúdio, equipamentos, filmagem

Atuei como participante na produção de vídeos sobre tópicos da área de Educação para material didático de ensino de Libras L2 (como segunda língua), e o professor orientador iniciou a proposta para que nós surdos realizassem a gravação. Realizados no estúdio da Gerência de

Mídias Educacionais e Acompanhamento aos Centros de Mídias – GMEACM, em Palmas–TO. Minhas atividades incluíram a tradução das frases para Libras e a elaboração das respectivas glosas com equipe dos 3 surdos, ademais uma professora de Libras tem muita experiência me ensinou muito para desenvolver.

Ao final dessa etapa, foi possível perceber que a experiência contribuiu significativamente para o desenvolvimento das minhas habilidades em Libras, especialmente na prática dos sinais em contexto técnico da área farmacêutica. Um dos principais desafios enfrentados foi a necessidade de repetir diversas vezes as gravações, devido a falhas na execução dos sinais e na fluidez da comunicação, o que exigiu persistência e atenção aos detalhes.

No entanto, esse processo de repetição foi fundamental para o aperfeiçoamento, pois possibilitou a identificação de erros e a melhoria progressiva do desempenho, resultando em versões mais adequadas dos vídeos após uma ou duas tentativas adicionais. Como fator facilitador, destaca-se o uso do celular como ferramenta de apoio para memorização, bem como o suporte do intérprete de Libras e da equipe de vídeo, que contribuíram de forma essencial para a correção e melhor visualização dos sinais.

Figura 25 - Fundo verde e preto, maquiador



Acervo da autora (2026).

Além disso, participei da produção e revisão do conteúdo técnico, bem como da gravação dos sinais em estúdio, contribuindo para a acessibilidade linguística do material educativo. Também realizei a edição dos vídeos em tablet, removendo o plano de fundo para substituí-lo por fundo preto. Por fim, separei as imagens para realizar os prints, recortá-las e organizá-las no arquivo em Word.

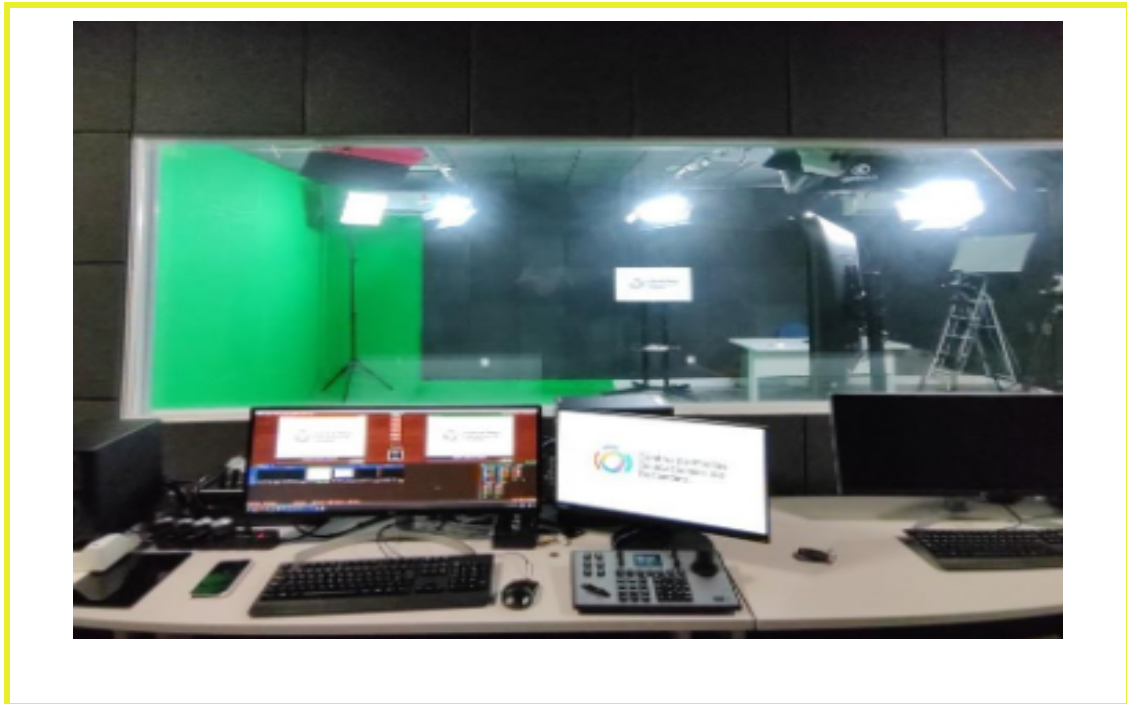
Além disso, após a finalização das gravações, foi realizada a revisão dos vídeos produzidos. A equipe, incluindo participantes surdos, analisou o material para avaliar a clareza dos sinais e a qualidade da comunicação. Esse momento de avaliação foi importante para ajustes finais antes da exportação e armazenamento. Em seguida, aguardava-se o processamento e o backup dos arquivos, para então disponibilizá-los em uma plataforma digital (Google Drive), permitindo o compartilhamento e a posterior utilização dos conteúdos produzidos.

Figura 26 – Estúdio do Aquário I



Fonte: Centro de Mídias Educacionais Tocantins (disponível em <https://sites.google.com/seduc.to.gov.br/cmeto/p%C3%A1gina-inicial>. Acesso em 26 junho 2026).

Figura 27 – Estúdio do Aquário II



Fonte: Centro de Mídias Educacionais Tocantins (disponível em <https://sites.google.com/seduc.to.gov.br/cmeto/p%C3%A1gina-inicial>. Acesso em 26 junho 2026).

O Centro de Mídias Educacionais do Tocantins configura-se como um espaço institucional voltado ao atendimento de docentes e técnicos-administrativos vinculados à Secretaria de Estado da Educação (Seduc). Suas atividades abrangem a oferta de cursos diversificados, o desenvolvimento de ações de extensão, a execução de projetos de pesquisa e a produção de conteúdos educacionais, contemplando as diferentes dimensões do ensino, da formação continuada e da inovação pedagógica.

5.6 Revisão da tradução (Libras)

Depois das gravações, transferimos tudo para o notebook do projeto para verificar se não faltava nenhuma frase. Uma coordenadora realizou o Backup no notebook do projeto e na nuvem. Em alguns casos, precisamos gravar novamente porque algo faltou, porque o operador da câmera tinha apagado um trecho na câmera sem querer ou porque o foco não ficou bom. Todos os textos foram sempre gravados duas vezes em seguida, para ter como escolher a melhor versão, mais natural, mais clara. Numa etapa posterior foi verificado qual versão (1 ou 2) dos vídeos estava melhor, consultando tradutores surdos da equipe que não haviam participado

desta gravação. Após a conclusão das gravações de cada grupo de termos, definições e exemplo, foi feita uma análise detalhada das diferentes versões dos vídeos, comparando-as para verificar qual apresentava melhor qualidade de imagem e interpretação. Esse processo foi importante para garantir que o material final estivesse claro, correto e adequado para uso. A seguir, veio a etapa de edição dos vídeos, na qual também foram adicionadas legendas em alguns momentos (nomes de instituições, informações sobre documentos citados na gravação, etc.). O trabalho de gravação foi efetuado em revezamento para diminuir o cansaço dos tradutores-atores. Um grupo de tradução revisava cuidadosamente os textos, verificando a clareza, a correção gramatical e a adequação dos termos em português, enquanto outra parte da equipe realizava filmagens e vice-versa. Essa etapa de filmagem exigiu bastante esforço, pois demandava concentração, repetição de cenas e atenção ao enquadramento, iluminação e foco, tornando o processo mais cansativo. A etapa final foi realizada pelos programadores, que importaram o conteúdo para a plataforma on-line.

Durante a realização das atividades em outro estúdio, foi possível observar a disponibilidade de recursos adicionais, como o uso de tablet para apoio na leitura dos textos, funcionando como um tipo de teleprompter. Esse recurso auxiliou no acompanhamento do conteúdo durante a gravação, permitindo maior fluidez e naturalidade diante da câmera, mesmo com a necessidade de manter certa discrição no uso.

Essa etapa também se apresentou como um desafio positivo, pois exigiu adaptação às diferentes dinâmicas de gravação e ao trabalho com uma equipe composta por colaboradores com variadas competências linguísticas. Como aprendizado, destaca-se o desenvolvimento da capacidade de integração e comunicação em um ambiente interdisciplinar.

Além disso, foram enfrentadas algumas dificuldades físicas, como o cansaço visual, devido ao uso contínuo da leitura em tela, e o desgaste físico por permanecer em pé durante longos períodos. Apesar dessas condições, o trabalho foi intenso e exigente, porém extremamente enriquecedor e recompensador.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste relato de experiência evidencia a relevância de se adotar uma perspectiva surda no processo de tradução de conteúdos técnicos da área farmacêutica para a Libras. A partir da atuação direta de uma pesquisadora surda e da valorização da norma surda como referência tradutória, foi possível desenvolver estratégias que respeitam as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda, promovendo acessibilidade de forma efetiva e humanizada.

O trabalho demonstrou que a tradução para Libras não pode se restringir à simples conversão literal do português, mas deve ser construída com base em escolhas linguísticas e visuais que favoreçam a compreensão e a naturalidade da língua de sinais. A preparação prévia, a seleção adequada de sinais e a preocupação com aspectos visuais do vídeo, como contraste e neutralidade do fundo, foram fundamentais para garantir uma comunicação clara e acessível, especialmente em se tratando de conteúdos técnicos da área da saúde.

Esse projeto reforça a necessidade de se ampliar iniciativas semelhantes em outros contextos da saúde, contribuindo para uma mudança de paradigma que reconheça o protagonismo surdo e a importância da acessibilidade linguística como direito fundamental. Assim, esta experiência não apenas atendeu a uma demanda específica, ademais, serviu como modelo inspirador para futuras ações voltadas à inclusão e ao respeito à diversidade linguística no campo da saúde.

Como desdobramentos futuros, projeta-se a constituição de uma equipe de tradutores surdos para a gravação dos vídeos de acessibilidade idealizados por Núbia Mendes. Nesse sentido, propõe-se a inserção de QR Codes nas bulas impressas como uma alternativa viável para fomentar a acessibilidade linguística. O código pode ser integrado diretamente ao leiaute da bula física, sem comprometer sua diagramação original, facultando ao usuário o acesso a conteúdos digitais complementares por meio de dispositivos móveis. Uma vez escaneado, o recurso direcionará o público a vídeos em Libras com a tradução de dados cruciais do fármaco, tais como indicação, posologia, contraindicações e reações adversas. Essa alternativa articula o meio impresso às mídias digitais, potencializando o alcance da informação e estimulando a autonomia do sujeito surdo no manejo de suas terapêuticas.

Como perspectiva de continuidade, pretende-se aprofundar a atuação na tradução e adaptação de conteúdos da área da saúde para a Libras, com foco específico na área

farmacêutica. A experiência adquirida ao longo deste trabalho evidenciou a importância da acessibilidade linguística para a população surda, especialmente em contextos técnicos.

Nesse sentido, almeja-se ampliar a produção de materiais educativos em Libras, contribuindo para a disseminação de informações seguras e acessíveis. Além disso, pretende-se atuar de forma mais ativa como tradutora surda em projetos interdisciplinares, fortalecendo a presença de profissionais surdos na mediação linguística e na produção de conteúdos especializados.

Outro objetivo futuro é o aperfeiçoamento contínuo das competências linguísticas e tradutórias, incluindo o desenvolvimento de estratégias mais eficazes para a tradução de termos técnicos da área farmacêutica e educação em Libras, bem como a colaboração com equipes multiprofissionais.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO AME. **ICOM**: Plataforma de interpretação em Libras online. 2025. Disponível em: <https://www.icom.app/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

BEZ DE JESUS, Ringo. **A tradução e interpretação de língua de sinais no contexto de saúde...** 2017. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 set. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm. Acesso em: 19 maio 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Casa Civil, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 19 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: MEC, 2005.

BRAUNA, G. L. G.; TODESCHINI, M. V. Tradução de bulas e embalagens de medicamentos para Libras: acessibilidade e segurança no uso de medicamentos por usuários surdos. In: CONGRESSO DO CRF-TO, 2025. **Anais...** Disponível em: <https://certificates-congresse-me.herokuapp.com/congressocrfto2025/resumos/35295.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2026.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkir; MAURÍCIO, Aline Cristina. **Novo Deit-Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2009. 2 v.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Cartilha de Libras em Medicina e Saúde**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, 2022. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/semesp/pdf/CartilhaLibrasMedicinaSaudeCapovilla2022_511.pdf. Acesso em: 9 dez. 2025.

CHAVEIRO, Neila; BARBOSA, Maria Antônia Ramos de Mattos; PORTO, Cecilia Cruz. Comunicação e acessibilidade para surdos nos serviços de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 89-97, 2008.

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves. Assistência ao surdo na área da saúde como fator de inclusão social. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 39, n. 4, p. 417-422, 2005.

CHAVEIRO, Neuma; BARBOSA, Maria Alves; PORTO, Celmo Celeno. Revisão de literatura sobre o atendimento ao paciente surdo pelos profissionais da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 3, p. 578-583, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. **Curso FarmaLibras**. Brasília, DF: CFF, 2023. Disponível em: <https://edufarma.cff.org.br>. Acesso em: 9 maio 2025.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Resolução nº 662, de 25 de outubro de 2018. Dispõe sobre diretrizes para a atuação do farmacêutico no atendimento à pessoa com deficiência. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 nov. 2018.

FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995.

FEBRAPILS. **Tabela de Referência para TILSP**. Brasília, DF: FEBRAPILS, 2016. Disponível em: <https://febrapils.org.br/lista-de-referencia-de-honorarios/>. Acesso em: 31 ago. 2025.

GOMES, K. B.; SANTOS, L. R. S. Barreiras comunicacionais e acessibilidade linguística na atenção à saúde da população surda. **Cadernos de Tradução**, v. 40, n. 1, 2020.

GRANADA, J. *et al.* Glossários em Libras: produção, validação e acessibilidade para a comunidade surda. **[Periódico da área]**, 2021. *Apud* SANTOS *et al.*, 2023.

GUERRETTA, Clarissa L. B. F. **A (in)visibilidade das mulheres surdas: protagonismo na sociedade contemporânea**. 2023. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, R. A. (ed.). **On Translation**. Cambridge: Harvard University Press, 1959.

KRAUSE, Keli. Análise comparativa entre os países sul-americanos: atendimento às cidadãs surdas. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 60, jan./jun. 2024.

MENDES, Núbia Flávia Oliveira. **Bula e embalagem de medicamentos, em Libras e em Português: uma proposta para acesso linguístico de mulheres surdas**. 2025. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/269794>. Acesso em: 22 jun. 2026.

MENDES, Núbia Flávia Oliveira. **Informações centrais de medicamentos em Libras: tradução comentada para instituir o direito e o acesso linguístico dos surdos na área da saúde**. 2019. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204433>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MENDES, Núbia Flávia Oliveira; WEININGER, Markus J.; BÓZOLI, Daniele Miki Fujikawa; NUNES, Deuzilane Muniz. Boas práticas de acessibilidade na área de produtos farmacêuticos. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 7., 2022, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2022. Disponível em: portal de periódicos/anais eletrônicos da UFSC. Acesso em: 4 abr. 2026.

MUNIZ NUNES, Deuziane; SOUZA LIMA PIO, I. D.; WEININGER, M. J. **Uso certo**: guia fácil sobre medicamentos. [S. l.]: Zenodo, 2024. DOI: 10.5281/zenodo.14257394.

NORD, Christiane. **Análise textual em tradução**: bases teóricas, métodos e aplicação didática. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity**: Functionalist Approaches Explained. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.

NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity**: Functionalist Approaches Explained. 2. ed. London: Routledge, 2016.

OLIVEIRA, A. M. C. *et al.* **Sinais de saúde em Libras**: um método prático para um atendimento humanizado. Iguatu, CE: Quipá Editora, 2021. Disponível em: <https://clubedelibras.ufc.br/wp-content/uploads/2023/02/libras-sinais-areadasaude-quipa-editora-25fev2023.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2026.

PAGURA, Reynaldo José. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 19, n. esp., p. 209-236, 2003.

PERLIN, Gladis T. T. Mulher surda: protagonismo e experiência. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 47, 2017.

PERLIN, Gladis T. T. Surdos: o narrar e a política. **Revista Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 9, 2007.

PONTES, N. M. *et al.* A importância de intérpretes de Libras e do aplicativo ICOM para pacientes com deficiência auditiva. In: COLÓQUIO ESTADUAL DE PESQUISA MULTIDISCIPLINAR, 8., 2024. **Anais...** [S. l.: s. n.], 2024.

PROGRAMA FARMALIBRAS. **Aplicativo Web e Vocabulário Terminográfico Farmacêutico Bilíngue (Português-Libras)**. Petrolina: Univasf/Conselho Federal de Farmácia, 2025. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/noticias/aplicativo-web-e-vocabulario-farmalibras-lancados-pela-univasf-e-cff-proporcionam-acessibilidade-comunicacional-aos-surdos-nas-farmacias>. Acesso em: 6 abr. 2026.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua de sinais e língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SOUSA, Saulo Xavier de. Aspectos da tradução/interpretação de línguas de sinais. In: QUADROS, Ronice Müller de (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 196-229.

- REZENDE, Patrícia L. F. C. **Epistemicídio nas políticas públicas em educação de surdos**. 2022.
- REZENDE, Patrícia L. F. C.; STUMPF, M. R.; SOUZA, J. C. Epistemicídio surdo, privação e violência linguística: estudo de caso de Sônia, uma mulher negra surda. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, v. 60, 2024.
- RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- ROSA, K. S. Tradução e saúde: desafios da Libras no contexto farmacêutico. **Revista de Estudos Surdos**, v. 7, n. 2, 2021.
- SANTOS, E. *et al.* Sinais-termo em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a área da saúde: uma revisão sistemática. **Revista FT**, 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/sinais-termo-em-lingua-brasileira-de-sinais-libras-para-a-area-da-saude-uma-revisao-sistematica/>. Acesso em: 6 abr. 2026.
- SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para a Língua Brasileira de Sinais**. 2010. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- SEGALA, Rimar Ramalho; QUADROS, Ronice Müller. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para a Libras oral. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 354-386, jul./dez. 2015.
- SILVA, D. T. *et al.* **Vocabulário terminográfico farmacêutico bilíngue (português-Libras)**. 1. ed. Petrolina: UNIVASF; Brasília: CFF, 2025.
- SKLIAR, Cecília (Org.). **Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- STONE, C. Deaf translation: linguistic access and cultural integrity. **Sign Language Studies**, v. 11, n. 1, p. 34-57, 2011.
- STONE, C. **Toward a Deaf Translation Norm**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2009.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Tradução comentada: teoria e prática**. Campinas: Mercado de Letras, 2017.
- TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1995.
- VALE, Luciana Marques *et al.* O Tradutor Intérprete de Libras-Português (TILSP) como produtor de glossários terminológicos. **Letras**, Santa Maria, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/85932>. Acesso em: 6 abr. 2026.

WEININGER, M. J.; QUEIROZ, M. Interpretação na área da saúde em Libras-Português. In: **Estudos da Língua Brasileira de Sinais III**. p. 161.